



V. 251, 2, 6 A. 3



A

HONRA DE UM TAVERNEIRO

COMEDIA EM 3 ACTOS

ORIGINAL BRASILEIRO DO ACTOR

Francisco Corrêa Vasques

RIO DE JANEIRO

LIVRARIA POPULAR DE

A. A. DA CRUZ COUTINHO — Editor

75 RUA DE S. JOSÉ 75

1876

DRAMAS, COMEDIAS E SCENAS-COMICAS

A' venda na LIVRARIA DE CRUZ COUTINHO

RIO DE JANEIRO.—RUA DE S. JOSÉ N. 75

- CASTRO ALVES, Gonzaga ou a Revolução de Minas, dr. historico. acompanhado de uma carta do Sr. Conselheiro Alencar 2\$000.
- FAGUNDES VARELLA, Balthazar ou a nuvem negra, dr. 1\$500.
- DR. PIRES DE ALMEIDA, O João Brandão o mata crianças, dr.
- FURTADO COELHO. O Remorso vivo drama.
- EDUARDO GARRIDO, As duas orphãs, dr. trad. 1\$000
- ANTONIO ENNES, Os Lazaristas, dr. em 3 a ; 3ª edição com o retrato do autor 1\$000.
- QUINTINO BOCAIYVA, Os mineiros da desgraça dr. 2\$000.
- DR. CASTRO LOPES, O compadre Suzano, c. 1\$500, A emancipação das mulheres, c. 1\$500. As tres graças, c. 1\$000 ; A educação dr 1\$500 ; Meu marido está ministro c. 1\$500; Abámoacara, tragedia, 1\$000.
- JOSÉ DE ALENCAR, A expiação. c. 2\$; Mãe, dr. 1\$500 ; As azas de um anjo, c. 1\$500.
- DIAS GUIMARÃES, O poder do ouro, dr. 2\$000 ; André o fabricante, dr. 1\$500 ; Um homem de honra. dr. ; Cerração no mar. scena dr. 400 ; Um Leão de casaca, s. comica, 400 : A Engeitada, dr. (no prélo).
- FRANÇA JUNIOR. Direito por linhas tortas, c. em 4 a., 2\$; O defeito de familia, c. em 1 a., 1\$; Amor com amor se paga, c. 1 a., 1\$; Os Ingleses na costa, c. 1 a., 1\$; Typos da actualidade, c. 3 a., 2\$; Meia hora de cynismo, c. 1 a., 1\$; O typo brasileiro c. 1 a., 1\$.
- DR. MACEDO, Remissão de peccados c. 2\$; Romance de uma velha, c. 1\$600 : O primo da California c. 1\$; Luxo e vaidade, c. 2\$.
- SANTOS LEAL, Mysterios do Alcazar dr. 2\$; O Rocamboles Junior, c. 1 a., 1\$; O estatuario, s. dr. 400 ; O bandido s. dr. 400 ; O usurario. s. dr. 400 ; O Sarra-bulho, s. com., 400 ; Supplicio e copos. s. c. 400 ; Novissima Castro, s. com., 400 ; Um litterato da época, s. com., 500.
- PINHEIRO GUIMARÃES. Historia de uma moça rica, dr. 2\$; Punição, dr. 2\$000.
- MENDES LEAL, Pedro. dr. 5 a., 1\$500 Abel e Caim, c. dr. 3 a., 1\$500. A afilhada do barão, c. 2 a. 1\$500 Quem porfia mata caça c. 2 a ; 1\$; Egas Muniz, dr. 2\$; Dois Renegados, dr. 1\$500 e outros.
- CAMILLO C. BRANCO, Justiça dr. 1\$; Marquez de Torres-Novas, dr. 2\$; Como os anjos se vingão, dr. 1\$; O condemnado, dr. 1\$500 ; Espinhos e fiões, dr. 1\$500 ; Agostinho de Ceuta, dr. 1\$500 ; Lagrimas Abençoadas, 1\$500 e outros.
- FONTOURA E CASTRO, O Orphão e o Mendigo, dr. 2\$; Um duello a espeto, c. burlesca em 1 a. 1\$; Eu não me importo com a vida alheia, s. c. 500.
- UM PORTUENSE, José do Telhado, dr. 2\$.
- FERNANDES, Maria, c. dr. 3 a., 1\$.
- AUGUSTO GARRAIO, O Sargentomor de Villar, dr. 5 a., 1\$500 ; O porta-bandeira do 99 de linha scena da guerra franco-prussiana, dr. 1\$500 ; Os Tripeiros dr. 2\$.
- PENNA, O irmão das almas, c. 1 a. 2\$; O caxeiro da taverna. c. 1 a. 1\$; Quem casa quer casa, c. 1 a., 1\$; O juiz de Paz da Roça, c. 1 a., 1\$; Judas sabbado de Al-leluia, c. 1 a., 1\$; Os dous ou o Ingles Machinista, c. 1 a., 1\$; O Noviço, c. 3 a., 2\$; A familia e a festa da roça c. 1 a., 1\$000.

A HONRA DE UM TAVERNEIRO

A' VENDA NA LIVRARIA DE
Cruz Coutinho

76 RUA DE S. JOSÉ 75

Obras dramaticas de Francisco Corrèa Vasques

O Sr. Domingos fóra do sério !!! 500; O Diabo no Rio de Janeiro, 500; Ah ! como eu sou besta ! 500; As Pitadas do Velho Cosme, 500; Os namorados da Julia, 500; O menino Monclar, 500; O Rocambole no Rio de Janeiro, 500; O Sr. Joaquim da Costa Brasil, 500; Um dos taes ; O Orphéo na roça parodia em 4 a., 1\$; Um actor sem theatro, 500; Os Dous Infernos, 500; Um bilhete ! um bilhete para o beneficio do Graça, 500; Viva o circo Grande Oceano, 500; O Vasques pelos ares, 500; D. Rosa assistindo no Alcazar a um espectacle extraordinarie, 500; A Orphã, 500; Por causa da Emilia das Neves, 500; O Gymnasio de roupa nova, 500; O Brasil esmagando o Paraguay, 500; O Zé Perira Carnavalesco, 500; O Sr. Anselmo apaixonado pelo Alcazar, 500; O Graça e o Vasques, 500; Joaquim Saçristão, 500; A Questão Anglo-Brasileira, 500; O Advogado dos Caixeiros, 500; O Orphéo na cidade, 1\$; O Fim do Anno, 500; Aguentem-se no balanço, 500; Variações de flauta, 500; A honra de um taverneiro, comedia ; Lagrimas de Maria, dr. em 3 actos 1\$000.

JOÃO BRANDÃO, o mata crianças rei dos salteadores portuguezes, drama em 8 actos e 6 quadros pelo Dr. Pires de Almeida.

JOSE' DO TELHADO, drama por um Portuense, 2\$000.

MYSTERIO DO ALCAZAR, drama, 2\$000.

OS LAZARISTAS, drama, com o retrato do author, 1\$000.

OS APOSTOLOS DO MAL, drama, 1\$500.

AS DUAS ORPHÃS, drama, 1\$000.

GONZAGA OU A REVOLUÇÃO DE MINAS, drama de Castro Alves, 2\$000.

REMISSÃO DE PECCADOS, comedia do Dr. Macedo, 2\$000.

ROMANCE D'UMA VELHA, comedia do Dr. Macedo, 1\$600.

OS DOUS MINEIROS NA CÔRTE, comedia em 1 acto, 1\$000.

DIREITO POR LINHAS TORTAS, comedia do Dr. França Junior, 2\$000.

O DEFEITO DE FAMILIA, comedia do Dr. França Junior, 1\$000.

AMOR COM AMOR SE PAGA, comedia do Dr. França Junior, 1\$000.

MEIA HORA DE CYNISMO, comedia do Dr. França Junior, 1\$000.

O TYPO BRASILEIRO, comedia do Dr. França Junior, 1\$000.

PUNIÇÃO, drama do Dr. Pinheiro Guimarães, 2\$000.

OS HOMENS DO MAR, drama de Cezar de Lacerda, 2\$000.

CYNISMO, SCEPTICISMO E CRENÇA, com.-dr. de Lacerda, 2\$000.

AS MULHERES DE MARMORE, drama, 2\$000.

COMI O MEU AMIGO, com. em 1 acto, imitação do actor Martins, 1\$000.

DIABO, DEFUNTO E MILITAR, com. em 2 actos de João F. da Cruz, 2\$000.

ALVARO DA CUNHA, drama, 2\$; Abel e Caim, drama, 1\$500; Pedro, drama, 1\$500; Quem porfia mata caça, com. em 2 a., 1\$; O

Orphão e o Mendigo, drama, 2\$; Um Duello a espeto, com. 1 a., 1\$000.



HONRA DE UM TAVERNEIRO

COMEDIA EM 3 ACTOS

ORIGINAL BRASILEIRO DO ACTOR

Francisco Corrêa Vasques

RIO DE JANEIRO

LIVRARIA POPULAR DE

A. A. DA CRUZ COUTINHO — Editor

75 RUA DE S. JOSÉ 75

1876



17114
1960

A honra de um taverneiro

PARECER DO CONSERVATORIO DRAMATICO SOBRE A
COMEDIA-DRAMA

A HONRA DE UM TAVERNEIRO

Li o drama A HONRA DE UM TAVERNEIRO, que póde ser licenciado por nada conter de offensivo da religião, da moral ou da decencia, parecendo-me além disso que encerra muito interesse dramatico, bonitos lances, naturalidade e movimento, bem como estylo fluente e apropriado á scena. Não menos o recommendão as reflexões moraes e rasgos de virtude que o autor lhe inserio.

« Despacho.—Represente-se. Rio, 8 de Novembro de 1873.—*Felipe Martins*, presidente de Conservatorio Dramatico. »

Carta do Illm. Sr. A. J. Victorino de Barros.

Ao intelligente e laborioso actor, o Sr. Francisco Corrêa Vasques.

« Li o seu drama A HONRA DE UM TAVERNEIRO.

« Foi feliz na composição, porque o seu thema bem escolhido tem desenvolvimento judicioso e moralisador.

« Os caracteres de que se servio, se não apresentam novidade, pela razão muito conhecida de nada haver de novo sobre a terra, primão entretanto pela fidelidade, com que são desenhados, successo que o deve lisongear e eu de boamente o applaudo.

Ha no seu drama algumas scenas originaes com o colorido dos costumes de nosso patrio Rio,

« O jogo do amigo foi excellente lembrança e ha de produzir optimo effeito, sendo bem ensaiado e conscienciosamente exêcutado, maxime

no tocante a invariavel resposta—para apreciar—dada pela preciosa ridicula D. Maria, mulher do capitão reformado, dous dos melhores typos da peça.

« As crianças, filhas deste par, sem paridade alguma no modo de proceder, dão nas travessuras que praticão, cópia do que são quasi todos os meninos afagados em demasia pela fraqueza de seus progenitores.

« João da Cunha é o Bayard dos taverneiros, a gema dos negociantes de seccos e molhados. Se existisse na época de D. João III talvez inspirasse a Sá de Miranda outro *d'antes quebrar que torcer*.

« Dou-lhe, pois, os parabens pelo seu trabalho. Honra a sua intelligencia, já revelada em scena tantas vezes e em composições de menor folego, A HONRA DE UM TAVERNEIRO.

« Eis o que me suggerio a leitura do seu drama e eu lhe communico para responder á consulta que me dirigio, suppondo-me competente em materia de dramaturgia.

« Desculpe se não correspondi á sua confiança.

« Poderia em outra occasião ser mais extenso. Agora, falta tempo aos meus desejos e sobra o receio de occupar-lhe demais a attenção.

« Ainda parabens e prosiga. Com tão auspiciosa estréa de longo folego, parar é recuar.

« O mister de actor é arduo, o de autor e actor é sobremodo difficil. O senhor vai debellando essas difficuldades, adquirindo desde já o direito e aperto das mãos de Molière, Shakespeare e Garrich e aos abraços de Antonio José, quando daqui a muitos annos, os encontrar laureados passeiando pelos Campos Elysios. Rio, 4 de Novembro de 1873. Sou com estima.—A. J. Victorino de Barros. »

PERSONAGENS

JOÃO DA CUNHA..... Velho negociante de seccos e molhados
O COMMENDADOR Fernandes Lopes
ARTHUR DE MAGALHÃES } Seus amigos
ALFREDO PAIVA..... }
JORGE DA SILVA..... Empregado publico
LUCIA.... Sua mulher
ISABEL..... Filha dos mesmos
CARLOS..... Sobrinho de Jorge
D. MARIA DAS DÓRES
BARCELLOS..... Capitão reformado, seu marido
LULU'..... } Seus filhos
MARIQUINHAS..... }
MANOEL..... Moleque, escravo de João da Cunha
JOSÉ..... Creado do commendador
UM AGENTE DE POLICIA

A acção passa-se no Rio de Janeiro.

Época 187...

ACTO PRIMEIRO

O theatro representa uma sala decentemente mobiliada. Porta no F. e aos lados sofá á D. e uma mesa no centro, em cima um rico lampeão. Piano á E. (O acto começa ao cahir da tarde.)

SCENA PRIMEIRA

LUCIA e ISABEL

ISABEL (*sahindo da E.*)—Estcu bonita mamã ?

LUCIA.—Como sempre, meu anjinho.

ISABEL.—Estou desconfiada deste puf, parece estufado demais.

LUCIA.—Está no rigor da moda portanto não te queixes. As moças são escravas dessa rainha absoluta,

despotica, que transforma, modifica e augmenta tudo quanto ha sem dar satisfações nem a ministros nem a conselheiros

ISABEL.—Porém eu mamã, tenho muito medo do ridiculo, e não quero que no dia de meus annos...

LUCIA.—Ridiculo no vestuario de uma moça de 16 annos e bonita, é até faceirice. O ridiculo, minha filha, é para nós que já não somos meninas e queremos por força encobrir aquillo que está patente aos olhos de todos; as rugas, os cabellos brancos, a falta de dentes, etc., etc. Quando tinha a tua idade, a moda era para mim um evangelho, o figurino o meu Deus, e a modista o meu sacerdote.

ISABEL.—Então posso estar descançada.

LUCIA.—Perfeitamente. Estou certa que vaes endoudecer todos os rapazes que vierem ao nosso chá.

ISABEL.—Que pena não estar hoje comnosco o nosso primo Carlos. E' o primeiro anniversario meu que elle não assiste. Ha mais de dois mezes que não recebemos noticias d'elle. Maldita guerra do *Paraguay*.

LUCIA.—Tem paciencia filha; Carlos está cumprindo o seu dever como bom cidadão brasileiro. A patria reclamava o seu braço, e elle foi deffendel-a.

ISABEL.—Porém mamã sabe que elle prometteu casar comigo. A patria de um noivo deve ser a sua noiva. Creados juntos, habituei-me á idéa de ser sua mulher e ha de ser muito doloroso para mim se elle morrer ou voltar de lá sem uma perna. Eu não quero marido aleijão,

LUCIA.—Deos não ha de permittir tal, e depois não te faltarão maridos. Quem sabe mesmo se está nisso a tua felicidade. Teu primo é um bom rapaz, de nobres sentimentos, é verdade, mas isso não basta. Uma moça como tu deve aspirar a mais alguma cousa, desde que

tem de depositar nas mãos de um homem todo o seu futuro.

ISABEL.—Carlos me estima bastante e estou certa que ha de fazer minha felicidade No dia em que embarcou dei-lhe minha palavra que esperava por elle e papae annuo a isso.

LUCIA.—Lembro-me disso perfeitamente, mas a palavra de uma moça não é letra de cambio que tem de ser paga á risca no dia de seu vencimento. Teu pae mal póde fazer face ás despezas de casa, e ás da tua educação; e entretanto o seu emprego na repartição é muito mais elevado do que aquelle que occupa teu primo. O que tem elle pois para garantir a mesma posição que tens tido até hoje?

ISABEL.—O seu amor!

LUCIA.—Isso é muito bonito, minha filha, nos romances; na vida real, o amor é uma parte secundaria; entra no casamento como pilatos no credo. O amor não paga nem alugueis de casa, nem as contas da loja, nem tão pouco as amas de leite.

ISABEL.—E o trabalho?

LUCIA.—O trabalho é a missão mais nobre da vida, mas não ha de ser a minha Isabel, que almoça ás 9 horas da manhã, senta-se ao piano até ao meio dia, vae vestir-se para jantar e á noite quer ir ao theatro lyrico, que deixará tudo isso para ir coser camisas do arsenal ao passar o dia inteiro com um ferro de engommar na mão.

ISABEL.—Então mamã acha que não devo casar com o primo Carlos?

LUCIA.—Não digo isso minha filha; apenas desejo que não te precipites: espera, eu quero a tua felicidade. Quando fores mãe apreciarás devidamente as minhas palavras. Tu amas teu primo e teu primo te

ama também, casam-se, elle empregado publico de segunda ordem, quasi sem ordenado; tu moça querendo modas, bailes, theatros e sem dote. Que dizes a isto ?

ISABEL.—Digo que por essa razão também não devo achar marido. Já que o dinheiro é a principal attracção do casamento, ninguem quereirá casar comigo. Uma moça sem dote vem a ser uma especie de ratoeira sem toucinho : não ha *camondongo* que cáia.

LUCIA.—Nem sempre. A fortuna é uma Senhora muito caprichosa e quando menos se espera... Quem sabe se ainda hoje mesmo não entrará por aquella porta alguem que seria bastante feliz se pudesse chamar-te sua mulher.

ISABEL.—Dar-se-ha caso que o padrinho de Carlos, queira ser meu marido ?

LUCIA.—Não filha, não faças essa injustiça ao pobre velho. O Sr. João só pensa no seu afilhado e lá no seu armazem, é muito teu amigo, mais nem lhe passa isso pela cabeça.

ISABEL.—Ah! Já sei quem é. O Commendador.

LUCIA.—Esse mesmo. E' moço, bem educado e muito rico.

ISABEL.—E' muito rico! E com isto julga a mamã dizer tudo :—E' muito rico, minha filha, mata o amor de teu primo, esquece que brincaste junto com elle, olvida as orações da infancia, começadas por um e terminadas por outro! E's pobre, minha filha; o teu coração não é livre; não podes amar, entrega tua mão e teu destino a quem tem dinheiro porque ahi só é que está a felicidade! (*chora*) Oh! mamã, porque me faz chorar hoje ?...

LUCIA.—Basta; não mortifiques assim o coração de tua mãe. Vamos, limpa as tuas lagrimas; eu não

quero forçar a tua vontade e estou bem certa que teu pae tambem pensa assim. Todo o meu interesse está no teu futuro. Fallei no commendador como fallaria n'outro qualquer que estivesse nas suas circumstancias, mas que fosse interessante a teus olhos. Longe de mim a idéa de ligar-te a um homem contra a tua vontade, estás satisfeita ?

IZABEL (*beijando-a*).—Obrigada, mamã, obrigada.

SCENA SEGUNDA.

LUCIA, ISABEL e JORGE.

JORGE (*pela porta da F.*)—Eu tambem quero a minha parte.

ISABEL (*correndo a elle e beijando-o na testa*).—Papae!

JORGE.—Querida filha! (*a Lucia*) Ainda não veio ninguem ?

LUCIA.—Não!

JORGE.—Admira ! A D. Maria e o Capitão Barcellos com o competente farrancho dos filhos não se fazem esperar. Está tudo prompto, não é assim? Podemos passar uma noite agradável no meio de amigos, e a minha querida Isabel fará realçar como sempre a sua formosura!

ISABEL.—Ora papae, não diga isso, o espelho do meu toucador não pensa desse modo.

JORGE.—Pois quebra-o, minha filha; se elle te disser o contrario é um grande mentiroso. Vae lá dentro e toma cuidado que nada falte; tu és hoje a rainha da festa. Diz ao Manoel que traga luzes para a sala.

ISABEL.—Já vou papae. (*sae F. M.*)

SCENA TERCEIRA.

JORGE, LUCIA e logo MANOEL.

LUCIA.—Então, Jorge, arranjaste o que querias?

JORGE.—O Commendador, já não estava em casa; não tive remedio, fui á fonte limpa, empenhei o meu relógio.

LUCIA.—O teu relógio?! pois não achaste ninguém?...

JORGE.—E quem queres tu que me empreste dinheiro? A não ser o Commendador, a quem já devo não pequena quantia, não sei.

LUCIA.—Porém ainda hontem tinhas duzentos e tantos mil réis.....

JORGE.—Que queres? fui ao *lasquenet* e uma maldita cartada de cinco sortes levou-me tudo.

LUCIA.—Tens perdido tanto dinheiro ha cinco mezes, p'ra que jogas? para que continuas uma vez que a sorte te é adversa?...

JORGE.—Jogo, porque foi o jogo que me arruinou e quero ver se sobre essas ruinas apparece algum dia o sol da felicidade. Jogo porque necessito. Somos pobres; não ignoras que o governo não me paga para ter certas commodidades, nem para sustentar os caprichos da minha querida Isabel, a quem não quero vêr privada de cousa alguma. Hoje é o dia de seus annos, é costume termos visitas; o Commendador pela primeira vez assiste em nossa casa a uma reunião e eu não quero ficar mal. Não ignoras que fundo n'elle todas as esperanças do futuro de Isabel. A proposito já lhe dissestes alguma cousa a esse respeito?

LUCIA.—Já; porém creio que será inutil pensarmos n'isso.

JORGE.—Porque?

LUCIA.—Isabel tem o coração preocupado; Carlos é o seu noivo prometido e ella estima-o deveras.

JORGE.—Criança! Amores que passam. Havemos de convencel-a do contrario, estou certo que a minha Isabel ha de ouvir os conselhos de seu pae, (*ao moleque que entra trazendo luzes*) Então, está tudo prompto lá dentro?

MANOEL.—Já sim sinhô. Pirú é que ainda não veio da padaria; mas leitão já lá s'tá com dente arreganhado.

JORGE.—Está bom não quero prosas; vá para dentro e veja lá como se porta; qualquer capadocisse que fizer hoje conto a teu senhor. Tu já sabes como elle é e eu não me esquecerei de recommendar-lhe as tuas orelhas.

MANOEL.—Manoel é moleque serio, sim sinhô! (*sae pelo F. levando o lampeão que pouco depois traz aceso.*)

SCENA QUARTA.

JORGE, LUCIA, ISABEL, D. MARIA, os MENINOS e o CAPITÃO BARCELLOS.

ISABEL (*do F. E.*).—Mamãe, ahi vem D. Maria e o Capitão,

D. MARIA (*entrando*).—Aposto que não me esperavam, heim? (*abraçando Isabel*) adeus meu botão de rosa (*abraçando Lucia*) Adeus meu amor perfeito. Sr. Jorge como tem passado?

JORGE.—Como sempre D. Maria.

LUCIA.—Então seu marido não veio?

D. MARIA (*chamando*).—O' Barcellos, meu cravo, então ficas ahí?

CAPITÃO BARCELLOS (*entrando com os pequenos pela mão. Lulu traz um tambor e Mariquinhas uma boneca*).—Prompto, meu general. Demorei a entrada na barraca por causa deste recruta que tinha deixado cair o tambor.

LULU.—Foi Mariquilhas que deu um sôco em riba d'elle.

MARIQUINHAS.—Foi você que puchou a perna de minha boneca.

CAPITÃO BARCELLOS.—Basta, silencio nas fileiras; não veem que estamos em quartel extranho! Que tropa insoburdinada. Vamos, apresentar armas...!

LULU e MARIQUINHAS (*vão apertar a mão de todos, sentam-se*)

D. MARIA.—Este meu cravo, não sei para que se reformou! E' esta cantiga todos os dias com as creanças. (*Lucia, D. Maria, Izabel e as creanças sentam-se no sofá. Jorge e o Capitão do lado opposto.*)

CAPITÃO.—Ora é bôa! Cada um canta conforme a musica que aprendeu! O estylo é o homem, segundo ouvi dizer não sei a quem; por tanto cada um póde ter o seu palavreado conforme a profissão que exerce. O medico póde fallar nas suas receitas, nas suas operações, nas suas curas; o advogado nas suas defezas, nas suas causas, nas suas demandas, o padre nas suas missas, nas suas festas, nos seus sermões; eu que sou militar embora reformado, fallo na cavallaria, na infantaria, na artilharia, nos canhões, nas paradas, nos cortejos e na guerra!.... Não estou no *Paraguay* por sua causa. Como rancheira do batalhão, pedio-me que a não deixasse só em companhia da cadetada miuda.

D. MARIA.—Está bom, basta meu cravo, não precisa tocar a rebate.

CAPITÃO.—Não, isto é apenas para fazer calar o fogo da sua canhoneira.

D. MARIA.—Canhoneira ! é o que eu digo; o Sr. Barcellos está se tornando insupportavel !

LUCIA.—Então, D. Maria, não se zangue. Não vê que o Capitão está apenas gracejando ?

JORGE.— Sim, não vale apenas incommodar-se por isso.

ISABEL.—E eu não consinto. No dia dos meus annos não quero brigas nem arrufos; tomo já a defeza de D. Maria, e se o Sr. Capitão continuar mando-o recolher immediatamente ao estado-maior, preso a minha ordem.

CAPITÃO.—Prompto, meu formoso coronel !

MARIQUINHA (*chorando*).—Mamãe, Lulú me deu um beliscão.

LULU.—E' ella que quer furar meu tambor com o dedo.

CAPITÃO.—E' o que eu digo ou não. Silencio nas fileiras. Meu coronel, tenha paciencia, mande formar quadrado que eu quero puxar as orelhas destas duas praças

ISABEL.—Eu sou o poder moderador. Commuto a pena a irem lá dentro pedir doces ao Manoel ou á preta.

CAPITÃO.—Não ouviram ? dobrado marche.

MARIQUINHAS E LULU (*correndo e cantando*).—Nós vamos comer doce, nós vamos comer doce. (*saem F. D.*)

JORGE.—Que idade feliz ! Aquelles não teem de certo em que pensar.

D. MARIA.—Então pelo que vejo fui eu a primeira que cheguei ? Ainda não vejo ninguem ..

JORGE.—Não devem tardar. Também pouca gente eu espero. Isto é apenas uma reunião familiar sem ceremonias nem etiquetas.

CAPITÃO.—Foi por isso que me resolvi a vir até cá. Não gosto de paradas em grande gala, quero antes montar guarda ou fazer a minha ronda modesta.

D. MARIA.—Eu sou justamente o contrario, se não fossem os pequenos não perdia convites de bailes. Ha nada mais seductor, que uma walsa arrebatadora, uma polka bem marcada, uma quadrilha bem figurada; ao som de uma bella orchestra, n'um grande salão brilhantemente illuminado, entre o perfume das flôres, ser a gente conduzida pelo braço de um elegante cavalheiro, ouvindo as finezas de sua delicada conversação ?

CAPITÃO.—Tudo isso com 15 annos é muito natural; mas na nossa idade, Sra. D. Maria, é ridiculo entrarmos nessas campanhas. Servimos apenas de bucha p'ra fuzilaria da rapasiada.

LUCIA.—Ora, Capitão, não seja exagerado; não condemne assim a todo o mundo, nem todos pensam dessa fórma.

CAPITÃO.—D. Lucia, isto está tudo fóra dos seus eixos. Os rapazes de hoje, com raras excepções, conhecem muito pouco aquella velha senhora do nosso tempo, chamada educação. Não ha por ahi um filho que não peça fogo ao pae para accender o cigarro, nem filhas que não mostrem ás mães as cartas dos namorados. A mocidade está estragada. Chamam progresso a esse estado continuo em que vivem de falta de respeito para tudo e para todos. Fanfarrões de sceptecismo não acreditam senão na fumaça do charuto, nas botas do Campás e no que lhes diz o seu barbeiro. A senhora vê um rapaz de vinte annos, pa-

rece que tem cincoenta; tal é a força com que progride o espirito na actualidade. Vê uma menina de doze annos dizer ao pae, mostrando um creançola que dobra a esquina:—Se não me casar com elle faço-me irmã da caridade! e o pae que ouve isto, ri-se e acha-lhe muita graça! Nesta baralhada de educação moderna, quasi que as posições estão invertidas. A velhice toma o lugar da mocidade, pinta os cabellos, vae para o *Alcazar*, falla de modas, de bailes e de corridas! A mocidade, toma rapé, falla de seus mestres com certa pretensão e altivez, dá conselhos a quem os pôde dirigir, reprehende por sua conta e risco, dizendo:— Isto já não é para hoje; as luzes do progresso!...— Triste progresso, D. Lucia, é este que autorisa qualquer menino de escola a fallar em politica, a faltar ao respeito aos seus superiores e a dizer até muitas vezes:— eu não acredito em Deus, tudo isto é obra do acaso.

Jorge.—O Capitão quasi que tem razão; felizmente eu não tenho de que me queixar. A minha querida Isabel é o typo da bondade e da obediencia, não é verdade, minha filha?

ISABEL.—Papae bem o sabe. A' força de satisfazer as minhas vontades, eu não tenho outra que não seja a sua.

CAPITÃO.—Ah! felizmente para o mundo, nem todo o batalhão está pervertido; ainda ha bons soldados que respeitam os generaes, e que se descobrem ao toque das Trindades.

LUCIA.—Ora graças, Capitão, pensei que estava disposto hoje a ralhar com todos.

ISABEL.—A mamãe diz a verdade. O Sr. Barcellos está hoje muito rabujento.

CAPITÃO.—Eu sei fazer justiça a quem a merece, D. Lucia, mas incommoda-me realmente o que estou

vendo acontecer todos os dias. Sou militar até a ponta dos cabellos; a disciplina sempre foi o meu guia; a boa educação e o respeito mutuo é a maromba segura para o equilibrio da vida. Desde que os paes pagodeiam com os filhos, os amos com os caixeiros, o soldado raso com o capitão, o equilibrio desaparece. e cahindo uns por cima dos outros confundem-se na queda. Eu gosto e sou devéras amante da liberdade; porém ella tem limites até certo ponto. Um máu pastor deita a perder um rebanho de ovelhas, que devendo ser conduzidas pela estrada real são levadas muitas vezes por atalhos e caminhos desconhecidos para satisfazer seus caprichos, fazendo-as rolar por despeñadeiros e precipicios.

D. MARIA.—Decididamente o Sr. Barcellos errou a vocação ; está se perdendo um famoso prégador.

JORGE.—Não deixava de ter sua graça, vermos agora o capitão Barcellos de corôa e batina.

CAPITÃO.—E porque não ? Parece-me que não seria cousa absurda. Para mim ha até grandes pontos de contacto entre o padre e o soldado ; ambos teem a sua batina e os seus galões. A bandeira do soldado é a sua patria a quem jura defender, o estandar-te do padre é a religião que jura manter illesa e pura como o mysterio da virgem. O soldado combate com a espada que o rei lhe confiou, o padre com a palavra que Deos depositou em seus labios. Para os que insultam e aggridem a patria, o soldado serve-se da pelvora e da bala, para os inimigos da religião e do altar, o padre serve-se da cruz do Redemptor. As metralhas dos canhões levam ao fim do mundo a civilização e a liberdade dos povos, as luzes do Evangelho e a palavra de Deos rega e conforta a humanidade. O máo soldado trahindo a sua patria deserta das suas

bandeiras e passa-se para as do inimigo. mas o castigo não se faz esperar ; elle é agarrado, conduzido ao meio do quadrado e uma descarga de fusilaria é a paga dos seus serviços. O máo sacerdote esquece tambem os seus sagrados deveres, faz da religião uma mercadoria, da palavra santa um joguete e do altar divino um alvo de ambições. Oh ! mas no dia da punição elle chorará lagrimas de sangue e na hora extrema quando tiver de comparecer no quartel da verdade encontrará o general em chefe para o fulminar com os raios da sua colera e da sua justiça infinita !...

JORGE.—Bravo, capitão, bravo ! Só lhe falta fazer o pelo signal.

D. MARIA.—E cantar-mos todos uma ladainha. Felizmente acabou e vamos mudar de assumpto antes que elle principie de novo.

CAPITÃO.—Não, póde fallar ; encravei a artilharia da lingua.

D. MARIA.—Então, meu botão de rosa, completa hoje 16 annos ?

ISABEL.—E' verdade, D. Maria, 24 de Junho, dia de S. João.

D. MARIA.—Ah ! que bella idade ! Dezeseis annos ! quem me dera n'esse tempo ! E' verdade que ainda não estou muito velha ; tenho os meus quarenta, mas assim mesmo não me troco por muita moça que vejo por ahi.

LUCIA —A senhora está como sempre, bem disposta e cada vez remoçando mais.

CAPITÃO.—E' verdade ; eu creio que minha mulher se vai por este caminho acaba por ter 15 annos e começa de novo a brincar com bonecas.

D. MARIA.—Pois o senhor já não estava calado ! Que homem santo Deos !

CAPITÃO.—Não me puchem pela lingua ; não gosto de vêr a verdade crucificada ! A senhora já fez 50 annos e quer agora inpingir adagas de gancho por espadas modernas !

D. MARIA.—Adagas de gancho será elle ! Bem mostra que é tarimbeiro !

CAPITÃO.—Eu cóрто a discussão, dou-me por vencido e bato em retirada. Vou ver os meus recrutas la dentro, se o meu amigo Jorge me dá licença.

JORGE.—Está em sua casa capitão.

CAPITÃO.—Então até já. (*sai F. D.*)

SCENA QUINTA

OS MESMOS, memos o CAPITÃO

D. MARIA.—Este meu marido quando começa a pregar sermões é um nunca acabar ! E tem uma lingua !

LUCIA.—E dizem que nós as mulheres é que fallamos muito.

D. MARIA.—Pois sim, vão lá p'ra casa para ouvirem o Sr. Barcellos ! Aquillo é ao almoço, ao jantar e á ceia.

JORGE.—Elle diz verdades, D. Maria. Ha apenas alguma severidade de mais. Quero crer até que certos pontos são pintados com exageração. Elle chama falta de respeito a esta familiaridade e brandura com que se trata hoje de educar aquelles que nos estão sujeitos sem o apparatus antigo de máos tratos e castigos que faziam as crianças timidas e acanhadas.

D. MARIA.—Brigamos todos os dias por causa disso. Quer levar tudo a ponta de espada e eu não consinto que o meu Lulú e a minha Mariquinhas sejam castigados por dá cá aquella palha.

JORGE.—E' a disciplina militar que o faz assim tão rispido ; mas eu creio que elle ama deveras os pequenos.

ISABEL.—Podera ! elles são tão interessantes !

LUCIA.—E tão bem educados.

JORGE.—Logo se conhece á primeira vista, o que é difficil n'aquella idade.

MANOEL (*apparecendo á porta do F.*).—O' sinhá, sinhá !...

LUCIA (*indo a elle*).—O que temos Manoel !...

MANOEL.—Eu não posso mais com aquelles meninos. Seu Lulú já quebrou um prato, e sinbasinha Mariquinhas está só mettendo mão na compoteira para furtar docê de côco.

LUCIA.—Manoel vai para dentro. Se voltas aqui com alguma novidade eu conto a teu senhor quando chegar. (*Manoel sai*).

D. MARIA.—O que é meu amor perfeito ? é alguma travessura dos pequenos ?

LUCIA.—Não, D. Maria, é o moleque que me veio dizer que estava tudo prompto e se queria que mandasse fazer o chá.

SCENA SEXTA

OS MESMOS, o COMMENDADOR e ARTHUR DE MAGALHÃES

COMMENDADOR (*entrando*).—Como amigo da casa dispensar-me-hão, o apresentar-me sem as etiquetas do estylo. (*levantão-se todos*).

JORGE.—Oh ! Commendador ! até que emfim ! Pensei que me faltava hoje.

COMMENDADOR.—Fui á procura deste amigo. Contan-

do com a benevolencia com que sou tratado n'esta casa, tomei a liberdade de o trazer em minha companhia. Chegou ha tres mezes d'Europa, chama-se Arthur de Magalhães e vem empregar-se no commercio, pertence a uma familia distincta e possui qualidades estimaveis.

JORGE.—Está em sua casa. E' esta a phrase com que eu costumo agradecer ao Commendador a honra que me faz trazendo os seus amigos para junto de minha familia!

ARTHUR.—O' senhor! tanta delicadeza me confunde. Prasa a Deus que eu saiba corresponder como devo a tão fino acolhimento.

COMMENDADOR (*cumprimentando as senhoras*).—Minhas senhoras, VV. Exs. desculparão sem dauida a minha selvageria. Tratei do amigo, e esquecime dos meus deveres de cavalheiro. Reparo o meu erro e peço perdão se com isso offendi o bello sexo. (*Aperta a mão das senhoras.*)

LUCIA.—O Commendador não perde occasião de se mostrar amavel como sempre.

COMMENDADOR.—Oh! minha senhora, o homem é uma cousa detestavel e quando deixa de ser attencioso para com as senhoras, torna-se uma féra indomavel. Não pensa assim, D. Isabel?

ISABEL.—O Commendador bem sabe que não está nesse caso e dispensar-me-ha portanto de fazer apologias ao seu character e á sua amabilidade.

ARTHUR.—Bem respondido, minha senhora. O Commendador é meu amigo por isso não lhe perdôo certa modestia com que ás vezes se encobre e que o torna a meus olhos soffrivelmente vaidoso de suas boas qualidades.

COMMENDADOR.—Cala a bocca, meu poeta, não sei

se sabem que o meu amigo é poeta. Desculpa a denuncia. O meu amigo Arthur escreveu uns versos ao seu anniversario, os quaes pretende offerecer-lh'os.

ARTHUR.—Já que está divulgado o segredo, apresso-me a entregar-lh'os, minha senhora; desculpando V. Ex. a ousadia que tive. (*Entrega-lh'os.*)

ISABEL.—O! senhor! eu é que sinto não ter prestigio bastante para que se dê maior valor aos versos que tive a felicidade de inspirar-lhe.

COMMENDADOR.—Não me deite a perder o poeta, D. Isabel; olhe que assim tira-lhe toda a vontade de os recitar ao piano conforme prometeu-me. Segunda denuncia, tem paciencia!...

D. MARIA.—Versos! e eu que gosto tanto de ouvir recitar ao piano!... E' verdade, D. Isabel, ha de me dar uma cópia d'aquelle seu recitativo:

« Tive uma amada que era mesmo um anjo,
« Foi um arranjo que encontrei na roça. »

ISABEL.—Então quando quizer, Sr. Arthur, estou ás suas ordens.

ARTHUR.—Mais tarde, minha senhora. Creio que não ha de querer começar a sua festa por uma semsaboria; porém, já que estamos no campo das denuncias, desculpa-me tambem, Commendador; os meus versos estão muito abaixo da surpresa que elle prepara a D. Isabel.

LUCIA.—Uma surpresa!

JORGE.—Vejamos.

COMMENDADOR.—Não acreditem no que diz o meu amigo. Elle é exagerado como são todos os poetas. (*Tira uma caixinha de velludo do bolso*). Ora aqui está a grande surpresa. Peço licença ao meu amigo Jorge e

D. Lucia para entregar esta caixinha a D. Isabel, como prova de consideração e respeito que lhe devo e da amisade que tributo a seus paes.

JORGE.—Oh! Commendador, como hei de agradecer-lhe!

LUCIA —O Sr. Fernandes Lopes torna-se cada vez mais credor das nossas sympathias.

ISABEL (*abrindo a caixinha*).—Olhe, mamãe, que lindo anel!...

D. MARIA.—E que brilhante tamanho! E' maior que um grão de milho! (*Isabel, Jorge, D. Maria e Lucia ficam vendo o anel*).

COMMENDADOR (*baixo a Arthur*).—Creio que o solitario não fez máo effeito! O brilhante é uma grande cousa aos olhos de uma moça bonita.

ARTHUR (*o mesmo*).—Principalmente quando elles são do tamanho de grãos de milho! Ah! feliz maganão! de grão em grão enche a gallinha o papo.

SCENA SETIMA

OS MESMOS e JOÃO DA CUNHA

JOÃO (*entra carregado de pistolas, rodinhas e diversos embrulhos*).—Viva S. João! Cá estou eu! Sem mim não se faz a festa! Deixem-me alliviar a carga. (*Põe tudo em cima da mesa*).

COMMENDADOR.—Ahi chega o meu homem.

ARTHUR.—Este é que é o tal taverneiro?

COMMENDADOR.—Em carne e osso!

JORGE.—Ora viva lá, Sr. João. Pensei que não nos dava hoje o gosto de o ver.

JOÃO.—N'essa não cahia eu. Ha duas cousas n'esta vida a que eu não falto, nem que me pegue fogo na

venda, que Deus tal não permitta. E' uma sessão magna na maçonaria e aos annos da menina Isabel. Cá está o seu presente. (*Dá-lhe uma caixinha embrulhada em papel branco amarrada com fitas azues*). E' uua caixa de excellentes figos de comadre, chegados no ultimo paquete. Desculpe a insignificancia, mas quem dá o que tem não é a mais obrigado. Lembrança de taverneiro, mas é feita de coração e não leva segundas vistas.

ISABEL (*correndo a elle e abraçando-o*).—Aqui está a minha resposta. Obrigada, Sr. João, obrigada.

JOÃO.—Como ella está bonita hoje, hein, D. Lucia? Parece um presunto de Lamego. Feliz mãe de tal filha. Se o afillhado cá estivesse então é que ficava mesmo pelo beijo.

ISABEL.—Tem tido noticias de Carlos, Sr. João?

JOÃO.—Qual, menina! ha dois mezes que não escreve. Creio que aquillo por lá não anda bom. Dizem que tem havido o diabo no tal *lombo das Valentinas*! E' bordeada por um sarilho! Porém eu tenho esperanças que o meu Carlos ha de voltar cheio de glorias e coberto de recompensas da patria.

D. MARIA.—Deos o traga o mais depressa possivel. Maldita guerra que tantas vidas preciosas nos tem custado.

JOÃO.—Olé se ha de voltar! N'esse dia mando enbandeirar a frente da venda, e collocar a banda de musica dos allemães ao pé da porta.

COMMENDADOR.—A idéa é nova, Sr. João. Felicito-o pela originalidade.

JOÃO.—Oh! Commendador! estava por aqui?... Perdão, que o não tinha visto nem ao seu companheiro. Creio que é fazenda nova cá no mercado. Ainda não vi essa cara no armazem do amigo Jorge.

ARTHUR. — Obrigado pela amabilidade ! O senhor bem mostra que não vê muito.

COMMENDADOR. — E depois o Sr. João acostumado no throno das suas pipas, pouco enxerga para baixo ; não vê aquelles que estão a seus pés.

JOÃO. — Não é isso Commendador, é que eu estou pouco acostumado, ou por outra, não gosto de vêr gente de casaca. Embirro solemnemente com essa thesoura de panno. A casaca é uma jaqueta enxertada ; corte-lhe as abas e fica uma jaqueta, torne a por-lhe as abas e ahi temos outra vez a casaca. De tudo isto, Commendador, eu concluo que a casaca é nada mais, nada menos que uma jaqueta grelada.

ARTHUR. — O Senhor está mais habituado a vêr homens em mangas de camisa.

JOÃO. — Oh ! esses não me escapam, conheço-os a quasi todos, e tenho grande satisfação quando os vejo abaixo e acima inundados de suor, cousa que a casaca nem sempre deixa vêr. A minha opinião não se entende nem com o Commendador, nem com o seu amigo, mas querem saber o que me parece na rua um homem de casaca e outro em mangas de camisa ?

COMMENDADOR. — Diga-o, Sr. João.

ARTHUR. — Sem cerimonia.

JOÃO. — Pois então lá vae. O de casaca parece-me um vadio e o que está em mangas de camisa é com certeza um homem de trabalho.

JORGE. — Com effeito Sr. João ! O Senhor é terrivel nas suas opiniões.

COMMENDADOR. — Questão de pratica. Entre o balcão de uma venda e um homem de casaca ha uma grande distancia.

JOÃO. — E' verdade ; e tão grande é a distancia que

as vezes não os encontro para me pagarem o que lá me mandam buscar fiado.

COMMENDADOR.—O Sr. João tem razão. Fóra a casaca, abaixo a casaca, morra a casaca; e como sou eu o unico que a tenho vestida não quero nesta noite que deve ser toda de satisfação e alegria, incorrer no seu desagrado. Usando pois da liberdade que o meu amigo Jorge dá-me em sua casa, peço-lhe que me dê qualquer cousa que eu possa vestir para substituir, esta thesoura, como elle com tanta graça chamou.

ARTHUR.—Apoiado! Desde que para elle o habito é que faz o monge...

COMMENDADOR.—Eu quero fazer-lhe a vontade pois desejo merecer a sua sympathia e amizade.

JORGE —Creio que tenho n'aquelle gabinete o que deseja, e se o Commendador quer encommodar-se....

COMMENDADOR.—E' já.

JOÃO.—Eu o acompanho. V. S. Sr. Commendador, é o rei dos homens, advinhou o meu pensamento. Eu estava vexado com a sua casaca. Não posso estar por muito tempo com esta albarda nas costas. Só a visto quando vou a maçonaria ou no dia dos annos da menina Isabel. Trazia o meu rodaque de chita e não ou-sava pedir licença para o vestir.

COMMENDADOR.—Então já vê que sou seu amigo?!

JOÃO.—Sempre o considerarei como tal.

JORGE —Vamos.

COMMENDADOR e JOÃO—Vamos. (*os tres entram no gabinete*).

SCENA NONA

OS MESMOS, CAPITÃO BARCELLOS e os PEQUENOS logo
JORGE, JOÃO e o COMMENDADOR

D. MARIA (*vendo o Capitão*) — Seja bem apparecido, Sr. Barcellos, pensei que tinha morrido.

CAPITÃO. — Longe vá o seu agouro. Puz-me de sentinella aos recrutas e creio que cochilando adormeci. Apenas o Manoel me acordou, dizendo-me que já tinham chegados todos, corri logo para o meu posto. Soldado prompto não deve faltar á revista.

ISABEL. — O padrinho de Carlos já chegou e está ahí o Sr. Commendador.

LUCIA (*apresentando Arthur*). — E o Sr Arthur de Magalhães, seu particular amigo.

CAPITÃO. — Tenho grande satisfação em fazer o seu conhecimento, meu paisano.

ARTHUR. — E eu da mesma fórma, sympathiso logo á primeira vista com todos os velhos militares. Elles symbolisam sempre uma pagina de gloria na historia da sua patria.

CAPITÃO. — Obrigado Senhor, eu sou do tempo da independencia.

ARTHUR. — Eu o tinha adivinhado.

LULU (*correndo a vér os foguetes*). — Ih! quanta pistola. Olha Mariquinhas, tem rodinhas de dous e de quatro.

D. MARIA. — Meninos, fiquem quietos.

LUCIA. — Deixe as creanças, D. Maria.

CAPITÃO. — Qual deixe o que D. Lucia. Vão para o pé de sua mãe. Se me fallam mais em pistolas, levam já um foguete a congreve.

JOÃO (*sahindo do gabinete de rodaque de chita, o Com-*

mendador de paletot branco acompanhados de Jorge).— Nada! desses de que falla o Capitão, não ha lá no armarinho do Teixeira. Temos aqui pistolas de doze tiros, rodinhas, cartas de bixas, etc., etc.—As rodinhas são p'r'as Senhoras, as bixas para as creanças e as pistolas para os marmanjos. Esta duzia está reservada, ha de ser para mim e para o Commendador em signal de alliança e sympathya.

COMMENDADOR.—E' favor que não mereço. São honras que me dá o Sr. João.

JOÃO.—Amigo Jorge, chame o Manoel para guardar tudo isto. Logo, antes da ceia, é que ha de começar o fogo,

JORGE (*chamando*).—Manoel?

MANOEL (*entrando*).—Sinhô chamou?

JOÃO.—Chamou, sim; leva isto para dentro e guarda com cuidado. E' verdade, que tal tem sido o seu comportamento hoje?

MANOEL.—Muito fino, sim sinhô; pergunte a Nhandan.

ISABEL.—E' verdade, Sr. João, o Manoel tem estado sério e muito trabalhador.

JOÃO.—Está bem, ha de ganhar a sua carta de bixas!

MANOEL (*gritando*).—Viva São João!

JOÃO.—Então o que é isto moleque?

MANOEL.—Perdão, Sinhô, foi força de entusiasmo.

JOÃO.—Pois eu tiro-lhe a força com um puchão de orelhas. Vamos, passe lá para dentro.

MANOEL (*tomando os embrulhos*).—Sim sinhô!

JORGE.—De caminho tira a bandeja que está no guarda louça e vem servir de licor a estes senhores.

MANOEL.—Não tem mais que dizer. (*sae*)

JOÃO.—Então que se faz? ficamos a olhar uns para os outros?

COMMENDADO.—Estamos a espera das suas ordens.

ARTHUR.—O senhor deve ser o rei da festa; chama-se João.

CAPITÃO.—Joguem o amigo; elle gosta d'essa brincadeira.

TODOS.—Apoiado.

JOÃO.—Valeu! é aquelle jogo do anno passado! E' engraçado é. Vamos a isto, quem decifra?

ARTHUR.—Eu se me dá licença.

JOÃO.—Vamos então combinar a pedra (*Arthur fica isolado a E. e os outros todos ficam a D. pausa*) Está prompto!... (*sentam-se todos*)

ARTHUR.—E' amigo ou amiga?

JORGE.—Amigo.

ARTHUR.—Como gosta o Sr. Jorge do amigo?

JORGE.—Inspirado.

ARTHUR.—E. V. Ex. Sra. D. Lucia?

LUCIA.—Satyrico!

ARTHUR.—E a Sra. D. Maria?

D. MARIA.—Para apreciar.

ARTHUR.—E o Capitão?

CAPITÃO.—Na discripção de um combate.

ARTHUR.—E V. Ex. D. Isabel?

ISABEL.—Descrevendo o cahir da tarde!

ARTHUR.—E o Sr. João?

JOÃO.—Como o papagaio que tenho na porta da venda.

ARTHUR.—Poeta. A pedra é facilima, D. Isabel foi o meu guia!

JOÃO.—Então é ella agora quem decifra.

ISABEL.—Prompta (*o mesmo jogo*.)

COMMENDADO.—Póde approximar-se D. Isabel.

ISABEL.—E' amigo ou amiga?

COMMENDADO.—E' amigo.

ISABEL.—Como gosta Commendador?

COMMENDADOR.—Quando se torna possível.

ISABEL.—E o papae?

JORGE.—Como o teu, minha filha.

ISABEL.—E a mamãe?

LUCIA.—Como o nosso anjinho.

ISABEL.—E D. Maria como gosta?

D. MARIA.—Para apreciar.

ISABEL.—E o Capitão Barcellos?

CAPITÃO.—Patriotico!

ISABEL.—E o Sr. Arthur como gosta do amigo?

ARTHUR.—Na familia.

ISABEL.—E o Sr. João?

JOÃO.—Eu gosto de ver o amigo no gato.

ISABEL.—Não sei si estou enganada, porém creio que o Commendador deu-me a chave da decifração. E' amor; enganei-me?

COMMENDADOR.—Acertou D. Isabel.

ARTHUR.—Bravo, minha senhora, isso faz honra á sua intelligencia.

JOÃO.—Então o Commendador gosta dos amores possíveis? Faz bem; porque aquillo que pertence aos outros, e está sellado pela palavra de um anjo, torna-se verdadeiramente impossível.

COMMENDADOR (*baixo*).—Se eu acha-se um meio de livrar-me deste tratante! (*vendo o moleque que traz licores em uma bandeja e lhe offerece.*) Oh! que idéa!

ISABEL.—Agora Commendador, é a sua vez.

COMMENDADOR.—A's suas ordens, minha senhora.

JOÃO.—Eu é que vou dar a pedra.

COMMENDADOR (*ao moleque com voz baixa e rapida*).—Queres ganhar cinco mil réis?

MANOEL.—Quero, sim sinhô.

COMMENDADOR (*dando-lhe dinheiro*). — Então toma.

Entra n'esse gabinete, tira o que estiver na algibeira da minha casaca, e mete no bolso da sobre-casaca de teu senhor. E' uma surpresa engraçada que eu quero fazer.

MANOEL.—Prompto! (*vae servir de licor aos outros personagens que a este tempo començam a sentar-se.*)

COMMENDADOR.—Então vamos lá a saber, é amiga ou amigo?

JOÃO.—Amiga.

COMMENDADOR.—Como gosta V. Ex. D. Lucia?

LUCIA.—Como a sua Sr. Commendador.

COMMENDADOR.—E o amigo Jorge?

JORGE.—A' Luiz XIV.

COMMENDADOR.—E V. Ex. D. Isabel?

ISABEL.—Da ultima moda.

COMMENDADOR.—D. Maria, como gosta?

D. MARIA.—Para apreciar.

COMMENDADOR.—E o Capitão Barcellos?

CAPITÃO.—Como a de José Bonifacio.

COMMENDADOR.—E o meu amigo João, como gosta da amiga?

JOÃO.—Fóra do corpo!

TODOS.—Ah!...ah!...ah!...

COMMENDADOR.—Ora que mal lhe fez a minha casaca, Sr. João! deixe-a em paz, agora já lhe não offende a vista.

LUCIA.—E para castigal-o, ande Sr. João, vá já para o lugar do Commendador.

JOÃO.—Prompto. Eu sou forte, é logo á primeira. (*o mesmo jogo. João da Cunha está de costas para o gabinete no qual o moleque entra e sae momentos depois.*)

ISABEL.—Vamos a ver, estamos promptos

JOÃO.—E' mulher ou homem?

LUCIA.—E' mulher.

JOÃO.—Vão dizendo como gostam.

LUCIA.—Eu gosto da amiga de Petropolis.

JORGE.—Eu, fresca.

ISABEL.—E eu lavada.

D. MARIA.—Eu para apreciar.

JOÃO.—Ora viva! isso é manteiga; conhece-se logo pelo cheiro.

ISABEL.—Ora não vale, não vale, o senhor ouviu. Vá para lá outra vez.

JOÃO.—Não ouvi, menina, palavra. E para que não duvidem da minha força neste jogo vou lá para dentro do quarto.

ISABEL.—Pois sim vá.

JOÃO (*entra no quarto*).—

COMMENDADOR.—Finalmente, (*começa a combinar durante este jogo, diz :*)

ISABEL.—Isso não, elle decifra logo, (*até que o commendador chega-se ao grupo, e dá uma palavra que é aceita por todos*). Póde sahir, senhor esperto. Vamos a ver agora.

JOÃO (*sahindo*).—Ora isso não tem que vêr. Vamos lá, ainda pertence ao mesmo sexo?

COMMENDADOR.—Pertence.

JOÃO.—Como gosta da amiga D. Lucia?

LUCIA.—Preso.

JOÃO.—E a menina Isabel!

ISABEL.—Solta.

JOÃO.—O' diabo!...

ISABEL.—Bem feito, bem feito; está apertado.

JOÃO.—O amigo Jorge como gosta!

JORGE.—Recheada.

JOÃO.—E D. Maria?

D. MARIA.—Para apreciar.

CAPITÃO.—Minha mulher tem se tornado apreciavel n'este jogo.

JOÃO.—E o capitão ?

CAPITÃO.—Do Egypto.

JOÃO.—E V. S. Sr. Commendador !

COMMENDADOR.—Como as que o senhor vende lá na sua venda.

JOÃO.—E esta ! eu não vendo nada lá que seja do Egypto.

COMMENDADOR.—Procure.

JOÃO.—Ah ! já sei, é paio. Oh ! diabo ! não póde ser ! Paio não é feminino ! O homem é que é paio.

ARTHUR.—A sua perspcacia agora comprometteu-o, Sr. João.

JOÃO.—Estou seriamente embatucado.

COMMENDADOR.—Cebola, Sr. João, cebola ! Não lhe sentio agora o cheiro ! ?

JOÃO.—Cebola ? ! As que eu tenho lá na venda são de Portugal, Capitão.

CAPITÃO.—Então nunca ouvio fallar nas cebolas do Egypto ?

JOÃO.—Nada, da Mytologia só conheço o *Deus Bacchô* que está pintado na minha taboleta.

TODOS.—Ah ! ah ! ah !

MANOEL (*annunciando*).—A ceia está na mesa (*levantam-se todos*).

CAPITÃO.—Santa palavra !... (*imitando o toque de corneta a reunir*). Toca a reunir.

JOÃO.—Olá ! temos ainda o fogo de vistas. Moleque, vai burcar os foguetes primeiro. Espere, Commendador, vamos para o terraço e eu não quero que se constipe. (*entra no quarto*).

COMMENDADOR.—Tanta bondade, Sr. João...

LULU.—O' mamãi, eu estou com uma fome !..

MARIQUINHAS.—E eu !

D. MARIA.—Meninos calem a bocca ; vocês parecem tolos !...

JOÃO (*sahindo do quarto com a sobrecasaca vestida e a casaca do Commendador na mão*). Prompto ; aqui está a sua casaca. Fizemos as pazes lá dentro.

COMMENDADOR (*com intenção*).—Ahi está uma cousa que eu não duvido, (*veste a casaca e começa a apalpar a algibeira do peito*). Oh ! meu Deos !

TODOS.—O que é ?

COMMENDADOR (*entrando no quarto*).—Nada... com licença.

JORGE (*inquieta*).—O que será ?

JOÃO.—Provavelmente algum charuto de havana que lhe cahio.

COMMENDADOR (*sahindo*).—Não foram charutos, Sr. João, foi a minha carteira.

JORGE.—A sua carteira ? !...

LUCIA.—Meu Deos !

COMMENDADOR.—Não se assustem, não vale apenas ; tres ou quatro contos de réis não me fazem mais rico nem mais pobre.

JORGE.—Perdão Commendador, mas é preciso procurar, indagar...

JOÃO (*tranquillamente*).—Dar-se-ha caso que eu palmasse a carteira sem me sentir ? ! Foi eu o unico que lá estive dentro.

COMMENDADOR.—Oh ! Sr. João quem pensa nisto ! Pois o seu odio á minha casaca seria tamanho que o levasse a esse desespero ? Não creio.

JOÃO.—Nada, eu gosto das coisas decididas. Pão pão, queijo queijo. Foi eu só que estive lá dentro e não me deshonro em mostrar as minhas algibeiras. (*examirando os bolsos*). Aqui está o meu lenço, a minha

caixa de rapé, aqui estão algumas contas e diversos recibos, aqui está... (*tirando uma carteira e mudando de tom*). Aqui está...

COMMENDADOR.—A minha carteira !

TODOS.—Oh !

JOÃO (*enpalidecendo*).—A sua carteira !

COMMENDADOR.—Sim, a minha carteira; e a menos que o senhor não queira dar-me o prazer de ficar com ella, ha-de permittir que eu a guarde.

JOÃO.—Miseravel ! (*quer dar-lhe uma bofetada*).

COMMENDADOR (*segurando-lhe o braço*).—Sentido, Sr. capitalista de seccos e molhados ! A mão que sorrateiramente se introduzio na minha algibeira não póde levantar-se até á altura das minhas faces.

JOÃO (*no auge do desespero*).—Ladrão eu ! eu ladrão !... Ah ! (*caido fôlto, correm todos para elle e amparam-no menos o Commendador que fica a bocca da scena com ár triumphante*). (*cae o pano*).

ACTO SEGUNDO

Sala de jantar em casa do Commendador. Portas ao F. e aos lados, mobilia rica. No centro, pequena mesa, na qual José estende uma toalha para servir o almoco.

SCENA PRIMIRA

José (*só, pondo a mesa e preparando o almoco*).—Creio que meu amo não se acordou de levantar-se da cama. Tambem quem passou a noite como elle passou não é para menos. Depois que veio do theatro parecia um doido; deitava-se, levantava-se, mechia em papeis, abria gavetas e fallava sózinho. Ha bastante tempo que

este estado de perturbação dura; aqui anda por força bicho mulher, olá se anda . . . e se me não engano é a tal filha do Sr. Jorge quem preocupa e desassocega o coração de meu amo. Também não sei a razão por que não casa logo; por pouca saúde mais vale nenhuma. O matrimonio é remedio evidente para o mal de amor. Acaba logo com os suspiros e ciumes, ou então põe o homem de uma vez de pernas para o ar. Para dois namorados o casamento é o calmante mais efficaz e conhecido no receituario do doutor Cupido. Ahi vem elle, está com cara de poucos amigos.

SCENA SEGUNDA

JOSE' e o COMMENDADOR

COMMENDADOR.—José?

José.—Meu amo?

COMMENDADOR.—Não veio ninguem procurar me?

José.—Não, senhor.

COMMENDADOR.—E o almoço?

José.—Deve chegar d'aqui a meia hora.

COMMENDADOR (*voltando-se*).—José, vou fazer-te uma pergunta e preciso que me respondas a verdade.

José.—Creio que meu amo não tem razões de queixa contra mim. Nunca lhe menti e a fidelidade tem sido até hoje a minha divisa n'esta casa.

COMMENDADOR.—Pois bem, responde: nestes ultimos mezes, quaes são as pessoas que tem entrado no meu gabinete?

José.—A não ser meu amo, sou eu o unico que lá ponho o pé.

COMMENDADOR.—Nao encontraste, por acaso, pelo

chão, ou por cima da mesa em que escrevo, algum papel ou alguma carta dirigida a mim ?

José.—Nunca, meu amo.

COMMENDADOR.—Tens certeza d'isso ?

José.—Toda. Sou incapaz de trahir a confiança que meu amo até hoje tem depositado em mim.

COMMENDADOR.—Então nunca ninguém abusou da tua boa fé para ás occultas, introduzir-se no meu gabinete ?

José.—Quando meu amo não está em casa a chave não me sae do bolso.

COMMENDADOR.—Bem, deixa-me. Dá cá o jornal e previne-me logo que cheguem as pessoas que espero.

José (*dá-lhe o jornal*).—Aqui está, meu amo. (*sae F.*)

SCENA TERCEIRA

COMMENDADOR (*só, levantando-se com o jornal na mão*).—Onde diabo metteria eu aquella carta ? Tenho toda a certeza que a não perdi. Já procurei tudo, gavetas, secretária, não ha canto, nem papeis que eu não tenha revolido de cima para baixo. Se por um fatal descuido eu perco o trabalho de tanto tempo, verei apagadas todas as minhas esperanças. A riqueza que possuo fugir-me-ha das mãos, e talvez... Oh ! não, mil vezes não ! O cano de uma boa pistola é um meio seguro para evitar certas catastrophes !... (*Senta-se*). No entretanto será bom raciocinar-mos com calma. Se alguem me roubou essa carta, já teria feito della uma arma poderosa contra mim !... Se a perdi e alguem a encontrou, de certo já me houvera procurado e até hoje ninguém tem apparecido. Vamos, tranquilisemo-nos ! O medo foi feito para os cobardes. Por emquanto não ha nada que venha destruir os meus bellos castellos

de ambição. Este mundo é com certeza de quem mais apanha; com um pouco de geito, muita audacia e prudencia, não ha ninguem que deixe de chegar ao fim de uma viagem empreendida com tanto trabalho.

José (*entrando com uma carta*).—Meu amo, uma carta do correio.

COMMENDADOR (*levantando-se apressado*).—Dá cá! (*José entrega a carta e sáe*) Olá, chegou o paquete! Temos decididamente novidade. Vejamos. (*Abre a carta, e depois de verificar que está só, lê*) « Illm. Sr. Fernandes Lopes. Depois da ultima carta que lhe escrevemos, os negocios teem-se complicado, a policia anda muito activa e tem os olhos voltados para o nosso estabelecimento. Por prudencia resolvemos parar com os trabalhos, por isso não lhe remettemos, como lhe noticiamos na passada, os duzentos em notas de cincoenta. Confiamos bastante na sua intelligencia para lhe recommendar toda a cautella. Será talvez mesmo necessario sahir por algum tempo do Rio de Janeiro e esperarmos tempos melhores. Somos de V. S., etc., etc.» (*Depois de lér a carta, accende um phosphoro e queima-a, dizendo depois de a haver reduzido a cinzas*) Ao menos esta não me ha de preoccupar o espirito. O fogo nestes casos é o melhor cofre que eu conheço. Muito bem, tenho de sahir do Rio de Janeiro; com estes negocios não se brinca. Preciso portanto apressar o meu casamento com Isabel; não me será isso muito difficil. Tenho nas mãos tudo quanto é necessario para chegar ao fim desejado.

José (*na porta*).—Os Srs. Arthur de Magalhães e Alfredo Paiva, perguntam por meu amo.

COMMENDADOR.—Manda-os entrar e serve-nos o almoço logo que chegue. (*José dá entrada aos dois e sáe*).

SCENA QUARTA

COMMENDADOR, ARTHUR e ALFREDO

COMMENDADOR.—Meus caros amigos, já os esperava com impaciencia.

ARTHUR.—O illustre Commendador sabe que não faltamos nunca. O seu almoço é para nós uma missão sagrada.

ALFREDO.—E' a pura verdade. O costume faz lei. Eu, em sendo nove horas, o estomago anuncia-me o seu estado de fraqueza, a minha cabeça, no goso de todas as suas faculdades, lembra-me o almoço do dia antecedente. O meu coração pula de alegria, as minhas pernas conduzem-me a esta casa e a minha boca começa a saborear de antemão os bellos guisados do hotel d'Europa.

ARTHUR.—Coração, cabeça e estomago. Se fechas a boca e cortas as pernas ficamos em pleno romance de Camillo Castello Branco. (*José traz uma bandeja e começa a servir o almoço.*)

COMMENDADOR.—Meus amigos, tenho duas noticias a communicar-lhes, ambas vão causar nos dous um grande abalo, e se me estimam deveras, creio, que vão ficar pezarosos.

ALFREDO.—Homem, guarda isso para depois do almoço; senão temos quatro abalos em vez de dous. O almoço esfria, e se o que nos vaes dizer causar-me tristeza, perco com certeza o appetite. O meu estomago não resiste a tanto abalo.

COMMENDADOR.—Tens razão; para a meza, meus amigos. (*sentam-se a meza e começam a almoçar.*)

ARTHUR.—Este Alfredo, decididamente tem a barriga ao pé da boca.

. ALFREDO.—Meu amigo, isto de comer é negocio que não se póde adiar. Não ha nada mais sério neste mundo para mim, que um bom almoço, um excellente jantar e uma ceia succulenta. A conjugação do verbo —comer— é conhecida por toda a humanidade, em todos os tempos, e em todos os casos. Uns comem, outros querem comer, e aquelles já teem comido. Por causa da barriga é que se dão certos conflictos muito graves. Tudo come nesta vida, e chora quando não tem que mastigar. A propria creança, quando nasce, apenas lhe cortam o embigo, procura com a boca o que ha de introduzir para dentro da barriga. E' d'ahi que vem o proverbio. « Quem não chora não mama » A barriga portanto foi, é, e será sempre a parte do corpo que mais cuidado nos dá. Quando está vasia, perde-se a luz dos olhos, a côr das faces, a força das pernas e até o dom da palavra. « Exemplo : quando um deputado pede muitas vezes a palavra é porque a perdeu ; e querendo a toda o transe obter privilegios do governo, das duas, uma : ou está com fome ou quer encher a barriga de algum ailhado. A barriga cheia é outra cousa, é o estado feliz da creatura, firmeza de idéas, firmeza de corpo, firmeza de pernas e firmesa de character. Exemplo : um deputado, cujos discursos resumem-se na seguinte phrase, appoiado, muito appoiado !... vê-se mesmo que o homem tem comido muito, e não diz mais nada com medo de algum ataque apopletico.

ARTHUR.—Bravo, Alfredo, a tua eloquencia é digna de uma lista de casa de pasto, és um verdadeiro estimulante appetitoso !...

COMMENDADOR.—Vê se escreves um compendio de gastronomia.

ALFREDO.— Nessa não cáio eu. Prefiro morrer

de fome, a ter de escrever algum livro na minha terra.

ARTHUR.—Porque ?

ALFREDO.—A litteratura no Brazil, meus Senhores, é bananeira que já deu seu cacho ; é arvore cujos fructos já seccaram. As parasitas invadiram-lhe o tronco, e os poucos grêlos que apparecem definham ao sopro da indifferença. Os escriptores em todos os generos formigam por toda a parte ; poetas, romancistas, folhetinistas, dramaturgos, historiadores, etc., etc. A grammatica protesta muitas vezes, a orthographia se estorce, porém nada os intimida. Eu estou nesse caso. Quiz um dia ser litterato, mas tive o bom senso de fugir a tempo ; conheci que usurpava um lugar que me não pertencia, fartei-me de observar o desprezo que se votava aos verdadeiros talentos, para affagar e proteger mediocridades !... Horrorisei-me de ver livros de inquestionavel merecimento, cobertos de poeira nas prateleiras do edictor. Já vê, que se eu escrevesse um tratado de gastronomia, que é da unica cousa que entendo, perdia o meu tempo e tinha com certeza de pagar as despezas da impressão.

ARTHUR.—Apologista como és da barriga, não te deverias encommodar com isso. As traças tambem precisam comer

ALFREDO.—Oh ! se fosse só essa qualidade de traça que dá nos livros que existisse, era uma felicidade ; porém a sociedade de hoje está dividida em duas partes : uma que é roida e outra que roe e que se chama traça. Traça faminta, devoradora, que destroe sem cessar tudo quanto é bello, grande e generoso, desde que não póde alcançar os seus fins. A traça de que fallo penetra por toda a parte ; no lar domestico, no centro do commercio, na politica, na imprensa, por

todas as classes emfim. Dous amigos velhos cortam de repente a amisade mutua de muitos annos e passam um pelo outro como se nunca se tivessem visto. A reputação de uma moça é muitas vezes arrastada pela lama das ruas; o credito de um negociante honrado é posto em duvida. Na politica, o proprio partido que está de cima, divide-se, e uma parte guerreia a outra. Na imprensa então não fallemos; é o campo vasto dessa horda de selvagens. Debaixo da bandeira da liberdade mordem-se e devoram-se uns aos outros, transformando a espada livre de *Guttemberg*, em traicoeiro punhal de um salteador de estrada. O que é tudo isto? Calumnia, intriga, maledicencia, chamava-se em outro tempo, porém eu hoje chamarei, traça, traça e sempre traça.

COMMENDADOR.—O Alfredo está realmente inspirado e sinto deveras annunciar que esta refeição matutina de todos os dias está prestes a findar.

ARTHUR.—Como assim?

ALFREDO.—Explica-te.

COMMENDADOR.—Sim meus amigos, tenho absoluta necessidade de os deixar por algum tempo.

ALFREDO.—Saes do Rio de Janeiro? Oh! diabo! Olha que isso é quasi attentar contra a minha existencia. Eu sou como as creanças que mamam, extranho muito a mudança de nutrição, ou talvez mesmo, não possa encontrar por este preço outra ama de leite.

COMMENDADOR.—A segunda noticia é que vou talvez casar-me dentro de poucos dias.

ARTHUR.—O que? pois casas sempre?

COMMENDADOR.—Que queres não lhe vejo outro remedio.

ALFREDO (*crucando o talher*).—Misericordia! lá se foi o appetite. (*José tem saído, entra trazendo café*) Felizmente

ahi está o café e vou ver se a tal noticia me passa da garganta. O Commendador acredita que está em seu perfeito juizo? Eu ponho minhas duvidas. O casamento é a posição mais desastrosa que existe no mundo, principalmente, quando se é moço e rico. Mudar de estado nestas circumstancia equivale a sahir da rua das Flores para ir morar na rua dos Invalidos. (*Levantam-se, José tira a mesa e sáe.*)

ARTHUR.—Alfredo tem razão; a segunda noticia é mais dolorosa que a primeira. Embarca, foge, vae para a Siberia mais não te cases. Os laços que a face do altar apertam as mãos de duas creaturas, mezes depois, sobem pelo braço e veem sem cerimonia apertar-lhes a garganta.

COMMENDADOR.—Que querem?! não me caso por amor, é capricho. Desejo experimentar uma nova sensação. Quero apresentar uma mulher no mundo, cebera de sedas e brilhantes, e ver o effeito que produz. Ha de incomodar-me a principio, concordo, porém não será difficil habituar-me, tambem a roupa nova que vem do alfaiate custa a tomar o geito do corpo; farei de conta que minha mulher é um par de botas Milliet comprado no Campás.

ALFREDO.—Reflecte que nesse caso tua mulher considerando-te o molde para os seus vestidos, póde não acertando com o córte, pedir a alguém outro molde emprestado.

COMMENDADOR.—Quando isso acontecer, já devo ter as botas estragadas; atiro-as para um canto.

JOSE (*na porta*).—O Sr. Jorge da Silva quer fallar com meu amo.

COMMENDADOR.—Dá-me o paletot e manda-o entrar. Meus amigos, ahi chega o meu futuro sogro; tenham paciencia, vão até a sala; não os farei esperar muito

tempo. (*José traz o paletot veste-o ao Commendador e sae.*)

ARTHUR (*Sahindo pela E.*).—Embarca, foge, vae para a Siberia, mas não te cases. (*Sae.*)

ALFREDO.—Ah! Commendador, o teu casamento vae ser a causa da minha viuvez!....

COMMENDADOR.—Como assim?

ALFREDO.—Eu tinha-me casado com este almoço de todos os dias e elle está prestes a espirar.

SCENA QUINTA.

COMMENDADOR e JORGE DA SILVA.

JORGE (*entrando*).—Bom dia Commendador.

COMMENDADOR.. — Sente-se Sr. Jorge; parece que vem afflicto, o que tem? (*sentam-se*).

JORGE.— Commendador, V. S. que tem sido até hoje meu amigo e amigo da nossa casa, ha-de valer-me n'esta situação.

COMMENDADOR.— O que é? Precisa dinheiro? diga quanto quer, estou ás suas ordens.

JORGE.—Antes fosse dinheiro; mas não é isso o que me atormenta n'esta occasião. Ouça-me, e peço-lhe que seja generoso e indulgente para com o coração de um pae. Ha muito tempo que V. S. manifestou-me desejos de ligar-se á minha familia, casando-se com a minha querida Isabel, e eu dei-lhe palavra que ella seria sua esposa, não só porque o Commendador se tornava de dia para dia mais digno d'isso, como porque tambem, eu via n'este casamento um brilhante futuro para aquella a quem dei o ser.

COMMENDADOR.—Adiante, meu amigo.

JORGE.—Pois bem, eu esqueci-me de dizer-lhe que ella passou grande parte da sua infancia em companhia de Carlos, seu primo, que está actualmente no Paraguay. A amisade de creança foi substituida pelo amor da mulher; e hoje Isabel amando com todas as forças d'alma declarou-me formalmente que não daria a outro a sua mão. Instei; pedi; ameacei, e ella de joelhos inundou-me as mãos com o seu pranto. Oh! Commendador, eu nunca tinha visto chorar minha filha. Aquellas lagrimas queimaram-me o coração. Vendo minha filha a meus pés com ar supplicante, tive horror da minha posição de carrasco e levantei a victima promettendo-lhe não fallar mais n'isso. Conto pois com o cavalheirismo de V. S. Sr. Commendador. Ainda uma vez appello para os sentimentos generosos que o ennobrecem, restitua-me a minha palavra e socegue o coração de um pae que não póde a sangue frio ver o desespero de sua filha.

COMMENDADOR.—Longe de mim Sr. Jorge o querer contrariar as inclinações de D. Isabel. Basta ver o senhor de quem sou amigo, n'esse estado afflictivo, para o desobrigar de todo e qualquer compromisso.

JORGE.—Eu não me tinha enganado; a sua resposta confirmou ainda mais uma vez as bellas qualidades que ornão o seu character. Obrigado, Commendador, obrigado.

COMMENDADOR.—Não tem que me agradecer, Sr. Jorge. Seria até imprudencia da minha parte insistir nesse casamento. Case a menina com seu primo e sejam todos felizes. E' tudo quanto posso desejar n'esta occasião. Apressarei por tanto a minha viagem.

JORGE.—Parte, Commendador?...

COMMENDADOR.—Sim, preciso sahir do Rio de Janeiro. Preferira partir acompanhado pela sua formosa filha,

porém a sorte não quiz ; que fazer ? Resignar-me, nem tudo póde ser como a gente deseja. A felicidade não se deixa agarrar assim tão facilmente. O senhor é uma prova disso. A proposito, tem jogado estes dias ?

JORGE.—Não, Commendador.

COMMENDADOR.—Pois convinha agora mais do que nunca, que a fortuna lhe sorrisse. Sahindo do Rio de Janeiro, preciso ultimar os meus negocios e creio que o meu amigo Jorge da Silva não se esquecerá de mim.

JORGE.—De certo ; assim podesse eu satisfazer de prompto os compromissos que tenho para com V. S. Ultimamente já eu jogava com a idéa fixa de ganhar, para poder pagar o que lhe devo ; porém a sorte não quiz. Fugi da casa do jogo, dizendo comigo ; elle é bom e generoso, esperará até o dia em que possa reabilitar-me.

COMMENDADOR.—Pensou bem ; porém isso era no caso da minha estada no Rio de Janeiro, hoje a minha partida mudou completamente a face dos meus negocios. Pelos documentos que tenho em meu poder, o Sr. Jorge deve-me quatorze contos de réis. Já vê que não é pequena somma ; não o quero pôr em embaraços, e por isso previno-o que de hoje a oito dias devo ser embolsado dessa quantia.

JORGE.—Mas o senhor sabe que é absolutamente impossivel.

COMMENDADOR.—Qual ! procure bem ; o senhor deve ter amigos.

JORGE.—O unico que considero como tal é V. S.

COMMENDADOR.—E o Sr. João, o padrinho do seu futuro genro, não lhe póde fazer um adiantamento até elle chegar ? Creio que o Sr. Carlos deve trazer fortuna. . As campanhas tem enriquecido muita gente.

JORGE.—Estou o extranhando, Sr. Commendador, parece que as suas palavras já não são as mesmas e que me ferem de morte.

COMMENDADOR.—Que quer o meu amigo? Não se admire. Extranha as minhas palavras; eu tambem extranhei quando o senhor faltou á sua.

JORGE.—Comprehendo tudo: o despeito move o seu braço. A recusa da filha deve ser punida no pai, é justo, é justo. Penhore os meus trastes, chame-me a juizo, faça-me prender, já que não tive animo de ver minha filha sacrificada.

COMMENDADOR.—O senhor está formandó tempestades n'um horisonte onde não vejo nuvens negras. O senhor pediu-me dinheiro, satisfiz promptamente o seu pedido, vou fazer uma viagem, não sei quando voltarei, e preciso ser pago. Não ha nada mais razoavel.

JORGE.—Razoavel diz o senhor, conhecendo perfeitamente o meu estado? Onde está então a sua amizade e o seu desinteresse? Onde está essa generosidade que tanto me recommendava a meus olhos? Onde está o seu cavalheirismo? Tudo fugio; tudo. O tigre tinha as garras encolhidas e só aguardava a occasião para as mostrar, cahindo sobre sua presa.

COMMENDADOR (*arrogante e levantando a voz*).—Julgava então o Sr. Jorge da Silva que o Commendador Fernandes Lopes era um Beocio, a quem qualquer podia bigodear? Falta á sua palavra, faz-me annunciar aos meus amigos o meu casamento, e vem depois contar-me uma scena de lagrimas e supplicas! Quando chegou á minha casa, trazendo nos labios a recusa da sua filha, o senhor devia tambem trazer na algibeira o dinheiro para pagar-me.

JORGE.—Ah! que se assim fosse, se eu tivesse agora aqui esse dinheiro...

COMMENDADOR.—Atirava-me com elle á cara, não é verdade ? Não foi por essa forma que lh'ò emprestei porém vinha a dar no mesmo. O senhor ficava livre das minhas garras, e eu guardaria o meu dinheiro.

JORGE.—E eu chamava este homem meu amigo apertava-lhe a mão, abria-lhe as portas de minha casa, sem pensar que ahiava a punhal que mais tarde devia ferir-me. Os seus offerecimentos foram calculados, emprestava-me dinheiro para jogar, e eu pai descuidado não adivinhei o laço que me estava preparando o assassino !

COMMENDADOR.—Diz bem : o dinheiro que lhe emprestei, era um presente que tencionava fazer-lhe no dia de meu casamento. Quatorze contos de réis !.... Já vê que sua filha não me sabia lá muito em conta.

JORGE.—Se não tivesse receio de enlamear as mãos, esbofeteava-o agora Sr. Commendador ! Comprar minha filha ! Aqui está para que serve o dinheiro a estes senhores. A filha do pobre é uma especie de mercadoria que se vende a quem mais dá ; para elles a virtude da donzella não existe. A dignidade de seu pae é uma chimera e as lagrimas de uma pobre mãe afflicta um divertimento !... Rostejam como cobra por debaixo das portas, introduzem-se no seio das nossas familias, estudam os nossos habitos e com fingida protecção calculam o lugar, o dia, a hora, em que devem tirar a mascara para roubar-nos a honra e nos atirar depois á cara com uma carteira dizendo estamos quites.

COMMENDADOR.—Tudo isso é muito bonito, mesmo muito bonito, mas não adianta o nosso negocio. Reflecta, vá para casa, amanhã se fôr preciso eu irei visitá-lo. O senhor deve conhecer a posição em que fico para com os meus amigos, se este casamento falha. Tentaremos um ultimo esforço e espero que obteremos

um bom resultado. Perdou-lhe tudo quanto me tem dito, assim como lhe peço desculpa de o ter tratado com alguma inconveniencia. O senhor não póde pagar-me, e creio que será melhor empregar todos os meios para que este casamento se realice ; do que ver sua filha na miseria e o senhor entre as grades de uma prisão.

JORGE. — Meu Deus !

COMMENDADOR. — Além disso, casando-me com sua filha, não só lhe garanto um futuro, como também a familia de minha mulher verá dissiparem-se as nuvens negras do seu horisonte actual. E' verdade que sua filha pensa demasiado no tal primo, porém ha muito tempo que elle não escreve e quem sabe se a sorte das armas não lhe foi adversa. A ser isto verdade, não perde o senhor um bello ensejo para fazer a felicidade de sua filha ?

JORGE. — Oh ! Senhor ! tenha compaixão deste pobre pai ; não o faça desesperar dos homens e de Deus !

COMMENDADOR. — Não desespere, vá para casa e amanhã, verá ; tudo ficará concluido e seremos como sempre, amigos devotados.

JORGE. — Então, até amanhã.

COMMENDADOR. — Até amanhã. (*Jorge sae pelo F.*)
Vamos ter com os amigos. Custou, mas venci. Amanhã veremos quem póde mais, se o amor do primo, se o dinheiro do commendador. (*sae pela D.*)

SCENA SEXTA

MANOEL e JOSÉ (vem do F.)

José. — Moleque, deixa-te de piegas, o Sr. commendador, não te falla agora.

MANOEL.—Iche ! não vê ? Você não sabe da missa metade. Em elle sabendo que sou eu, vem logo fallar commigo direitinho como um fuso !

JOSÉ.—Elle está agora na sala com os amigos. Queres que elle largue a conversa para vir fallar contigo ?

MANOEL.—Tão certo como tres e dous serem cinco. Você não conhece este moleque. Sacudido até aqui.

JOSÉ.—Isso vejo eu. Mas que diabo queres tu com meu amo ?

MANOEL.—Negocios.

JOSÉ.—Negocios ? !...

MANOEL.—Negocios, sim, você parece que é surdo.

JOSÉ.—Tu estás te divertindo comigo. Pois meu amo o Sr. commendador Fernandes Lopes tem negocios com um moleque ?

MANOEL.—Eh ! lá seu lacaio ! quando fallar em moleque limpe os beiços ; olhe que eu não sou da sua cozinha.

JOSÉ.—Vae para o diabo ! não estou disposto a aturar-te.

MANOEL.—O' gentes, moço, não se *refestelle* tanto, e faça o que lhe disse, vá chamar seu amo ! Para outra vez que vier cá, hei-de trazer o meu cartão de visita.

JOSÉ (*rindo*).—Ah ! ah ! ah ! Ora o moleque é o diabo ! O seu cartão de visita ! Não está má esta. Eu já sei o que tu queres ; advinhó pouco mais ou menos a qualidade do negocio que te traz aqui. Meu amo tem certas emprezas, nas quaes os teus serviços não podem ser dispensados. Vens talvez trazer, ou receber a resposta de alguma cartinha.

MANOEL.—Se você repete isso outra vez, metto-lhe um pé na barriga que o viro do outro lado. Parece que não quer não. Você julga que eu sou algum onze ? Não tenho geito para isso ; cupido nunca foi preto.

Você bem conhece meu senhor e sabe que elle não é de brincadeiras. Sou moleque, mais sou moleque fino, entendeu ?

JOSÉ.— Pois sim, diz lá o que tu quizeres, mas eu não vou encommodar o Commendador por tua causa.

MANOEL.— Pois eu espero que elle acabe, e como póde demorar-se muito, vou-me sentando. (*senta-se*) Sente-se tambem, Sr. José, sem cerimonia, faça de conta que está em sua casa.

JOSÉ.— Pilhas-me hoje de pachorra. Continúa, continúa.

MANOEL.— Vamos conversar tambem. Quer politica, ou quer cousa mais elevada ? Eu sou versado em todas as materias. Lá vai politica. (*Arremedando um deputado*) Sr. presidente, pedindo a palavra para responder ao nobre collega, que tão brilhantemente acabou de orar, tenho de agradecer-lhe, não só as palavras benevolas que me dirigio, como tambem porque veio trazer ainda mais luz para a questão que tanto tem occupado a situação.

JOSÉ.— Muito bem.

MANOEL.— Obrigado, collega. Sr. presidente, quando a principio manifestei a minha fraca opinião sobre o assumpto que era discutido, estava bem longe de adivinhar, que aqui no proprio seio da assembléa, eu viria encontrar quem tomasse a defeza de uma causa que por si só, não vale uma pitada de tabaco. Risadas das galerias ! O' Sr. José, faça ali de galeria; ria-se, para você ver o bom e o bonito.

JOSÉ.— Essa é boa ! pois não ! Veja lá quando quer que eu chore, diga.

MANOEL.— Isso é mais logo, não perturbe a eloquencia. (*declama*) E' de meu dever, Sr. presidente, insistir e reforçar quanto me fôr possivel, o meu discurso da

sessão passada. Por elle se vê a calamidade que atravessamos; não posso portanto... (*sobem a escada e elle suspende o discurso.*)

JOSÉ (*indo vêr*).—Vem gente.

MANOEL.—Ora bolas! cortarem-me o fio do discurso.

JOSÉ.—E de que maneira. Olha, vem cá, vem vêr quem te veio interromper, meu orador.

MANOEL (*chegando na porta*).—Nossa Senhora da Lapa me acuda! E' meu senhor! estou perdido!

JOSÉ (*rindo e declamando como Manoel*).—Sr. presidente, o nobre deputado está muito atrapalhado.

MANOEL.—Pelo amor de Deus, Sr. José, me esconda. Se meu senhor me vê aqui estou arranjado! tenho que fazer para quinze dias!

JOSÉ.—Venho cá, não se assuste, senhor capadocio. Entre neste quarto, mas ponha-se no andar da rua, apenas elle sahir.

MANOEL (*entrando no quarto da D. B.*).—Sim, Sr. José, não tem duvida, muito obrigado.)*Entra*)

SCENA SETIMA

JOÃO, JOSÉ e logo o COMMENDADOR

João (*entrando pelo F.*)—Teu amo está em casa?

José.—Está, Sr. João.

João.—Vae chamal-o.

José.—Immediatamente. (*sáe*)

João (*só*).—Vamos, coragem! assim é preciso. Será imprudente o passo que dou, mas a minha consciencia me absolverá. Estou certo que esse homem ha de ter compaixão das minhas lagrimas e do meu constante soffrer, durante tantos mezes! Deus é justo e ha

de fazer com que elle me attenda restabelecendo a verdade. Eil-o ! coragem !

COMMENDADOR (*entra D. A. seguido de José que sáe logo*).—Oh ! grande novidade o traz á minha casa, Sr. João. Já lhe passou o medo de encontrar-se com a minha casaca ?

JOÃO.—Basta, Sr. Commendador, não vim aqui para gracejos. Ha muito tempo que não tenho um instante de socego. Desde aquella noite fatal em que achei, não sei como, a sua carteira no meu bolso, que a minha vida tem sido dolorosa. Venho pedir-lhe misericordia, piedade, para um pobre velho que em nada o offendeu. Restabeleça a verdade e que Deus o recompense por me restituir a tranquillidade que perdi.

COMMENDADOR.—A como está a libra do toucinho, Sr. João, póde informar-me ?

JOÃO.—Em nome de tudo que lhe é mais caro, senhor, não escarneça das minhas lagrimas. Se ainda tem pai elle deve ter a minha idade; em nome pois d'aquelle que lhe deu o sêr representado n'estes cabellos brancos, eu lhe peço, eu lhe rogo. Aqui me tem de joelhos, se alguma vez o offendi com minhas phrazes brataes, não me envergonho de lhe pedir perdão. Restitua-me o meu credito, senhor, restitua-me a minha honra.

COMMENDADOR.—Deixemo-nos de comedias, Sr João. Isto de credito e de honra não é objecto que se palme de uma algibeira para outra. Gomo posso eu restabelecer a verdade, se o senhor mesmo não póde fazer? Alguem póde acreditar que uma carteira sáia de uma algibeira para encaixar-se em uma outra ? Creio que não haverá ninguem que engula a sangue frio semelhante escamoteação.

JOÃO.—O Sr. Commendador é cruel, muito cruel.

Tem toda a certeza da minha innocencia e ainda não se fartou de contar aos seus amigos e nas casas que frequenta essa historia terrivel que me acabrunha e que acabará por matar-me.

COMMENDADOR.—Acredite que ninguem dá importancia a esse facto. Achão-lhe graça e nada mais.

JOÃO.—No emtanto, o senhor tomou testemunhas, tentou processar-me, e se não fosse a menina Isabel...

COMMENDADOR.—Podera! assim como o senhor não quer ser tido por ladrão, desculpe a phrase, eu tambem não queria ser alcunhado de calumniador. Nesse caso, ficaria eu sendo o algoz e o senhor a victima. Nada, tenha paciencia, a Cezar o que é de Cezar; não quero glorias que me não pertencem.

JOÃO.—Pelo que vejo, o senhor está disposto a continuar como até aqui. Para mim não ha treguas, nem contemplações. Vinte e cinco annos de uma vida exemplar, de uma probidade a toda a prova, são atirados ao meio da praça, servindo de irrisão a toda a gente. E foi para isto que gastei a minha mocidade trabalhando sempre! Foi para ver-me desacreditado na velhice que Deus conservou-me até hoje! Sr. Comendador, seja generoso; tem a minha honra e o meu credito nas suas mãos! Piedade, piedade!

COMMENDADOR.—Está o senhor fazendo um bixo de sete cabeças da sua honra e do seu credito! Pois os senhores por lá conhecem dessa fazenda?...

JOÃO.—Commendador, não me faça esquecer que estou em sua casa, venho pedir-lhe misericordia, e o senhor atira-me com um insulto!... Então o credito e a honra é privilegio exclusivo dos senhores fidalgos e dos senhores titulares? A aristocracia será tão estúpida na sua maldade que nos queira tirar aquillo que não nos póde dar?!... Parvos! gralhas enfeitadas com

as pennas dos seus antepassados, cegos de nascença, que não conhecem a côr do sangue do homem que vive do seu braço. A virtude é a unica fidalguia que conheço. A verdadeira aristocracia é a da honra, e a do credito ; os nossos titulos, as nossas condecorações, os nossos melhores attestados, são estas mãos calosas e gretadas, consequencia inevitavel de quem trabalha honestamente

COMMENDADOR.—Façamos um negocio. Vou fazer-lhe uma proposta que lhe hade agradar. Preciso do seu auxilio, e se promette ajudar-me, acredite que farei tudo quanto estiver ao meu alcance para satisfazer o que tanto deseja.

JOÃO.—Falle Senhor.

COMMENDADOR. O Senhor sabe que desejo casar-me com a menina Isabel, porém ella está renitente ; com a cabeça cheia de seu afilhado tem resistido a tudo.

JOÃO.—Que quer então que eu faça ?

COMMENDADOR.—Seja meu advogado. Faça valer o seu prestigio junto dessa moça, estou certo que o senhor conseguirá aquillo que tem sido impossivel até hoje.

JOÃO.—Porém essa proposta que acaba de fazer-me, é uma infamia !

COMMENDADOR —Qual infamia, Sr. João. Os amigos conhecem-se nas occasiões. Se promette ajudar-me, garanto-lhe que está tudo acabado ; do contrario continuo a minha historia e talvez levante o processo interrompido.

JOÃO.—Porquem é senhor, não faça tal.

COMMENDADOR.—Bem ; já vejo que nos havemos de entender.

JOÃO.—E o meu afilhado, o que lhe direi quando chegar ?

COMMENDADOR.—Que a menina Isabel o julgava morto e que por isso casou commigo. Creio que lhe será mais agradavel esta noticia do que vêr o seu padrinho, aquelle que lhe tem servido de pae até hoje, perante o tribunal de jury, sentado no banco dos réos, para responder a um processo por crime infamante.

JOÃO.—Basta, Commendador, basta, farei tudo o que quiser.

COMMENDADOR.—Bem; comece amanhã a por em pratica as suas promessas, que eu não me esquecerei das minhas. Vem gente. São meus amigos, dispense-me por alguns instantes.

SENA OITAVA

OS MESMOS, ARTHUR e ALFREDO

ALFREDO.—Estás hoje muito occupado, Commendador ; porém nós temos que fazer e pedimos licença para sairmos.

COMMENDADOR.—Eu vou com vocês. José. (*José entra*). O meu chapéo. (*José sae*).

ALFREDO.—O' Sr João, que vento favoravel o trouxe á casa do nosso amigo ?

JOÃO.—Senhor !

ARTHUR.—Então aquella historia...

COMMENDADOR.—Basta, Arthur, não molestes agora o meu honrado capitalista de seccos e molhados. (*José traz o chapéo*).

ALFREDO.—Ah! o senhor tem venda? E' um conhecimento que me serve. O taverneiro é o horisonte feliz de muita barriga vazia. A como está vendendo o sacco de farinha ?

ARTHUR.—E o quarta de feijão ?

COMMENDADOR.—Meus amigos, o Sr. João não veio aqui para tratar de negocios do seu armazem. Veio dar-me uma noticia agradavel e que eu esperava a todo o momento. Veio trazer-me a resposta da Sra. D. Isabel, que annuindo gostosa ao pedido que lhe fiz, vae tornar-me o mais feliz dos homens. (*com intenção*). Não é verdade, Sr. João ?

JOÃO (*balbuciando*).—E'... é verdade!...

ARTHUR.—Não lhe conhecia essa prenda; ha de dar-me o numero da sua loja; posso precisar dos seus serviços.

ALFREDO.—Emquanto descança carrega pedras. O Sr. João é um homem laborioso.

COMMENDADOR.—Vamos, meus amigos; até amanhã, Sr. João.

ALFREDO.—Sr. Joãosinho das moças, adeus !

ARTHUR.—Dignissimo representante de seccos e molhados, decano mensageiro de cupido, até a primeira.

TODOS —Ah ! ah ! ah ! (*Saem pelo F. e João acompanhando-os de cabeça baixa*).

SCENA NONA

MANOEL (*só, que tem ouvido quasi toda a scena, abre a porta do quarto e sae. O estado de commoção em que se acha o faz cambalear e segurar nos moveis e nas paredes. Vae á porta do fundo, olha para fóra e depois de pequena pausa cae de joelhos exclamando entre lagrimas*):—Ah ! meu pobre senhor ! perdão, perdão !

(*Cae o panno*).

ACTO TERCEIRO

A mesma sala do primeiro acto.

SCENA PRIMEIRA

JORGE e LUCIA

(*Jorge sentado, tem a cabeça entre as mãos, Lucia em pé perto d'elle.*)

LUCIA.—Socega, Jorge. afflige-me o ver-te nesse estado.

JORGE.—Ah ! Lucia, deves comprehender o que se está passando dentro de minha alma. E' sobre mim que devem recahir todas as recriminações ; para salvar-me tenho a todo o custo de sacrificar esse anjo innocente e puro, que em nada concorreu para que eu me entregasse fatalmente ao inferno do jogo. Vicio terrivel e nojento, em cujos antros o menos que se perde é o dinheiro. O jogo é um animal asqueroso e feróz, seus dentes afiados enterram-se no corpo e sua baba peçonhenta nos envenena a alma ! Nas casas onde se alimenta esse vicio ; perde-se tudo ; fortuna, intelligencia, dignidade e até a honra ! O jogador começa perdendo o que é seu, e acaba perdendo aquillo que lhe não pertence. Foi o que me aconteceu. Pai irreflectido esqueci-me dos meus deveres, e no meio da minha cegueira não vi que atirava sobre essa banca amaldiçoada o fucturo de minha filha.

LUCIA.—Jorge, que é isso ? O teu desespero me assusta, tenho ainda bastante coragem para supportar a miseria. O trabalho não me intimida e Isabel acompanhar-me-ha com prazer nessa missão, desde que

souber que é preciso salvar seu pai, a quem tanto estima e respeita.

JORGE.—Não é a miseria que temos a receiar, Lucia, é esse homem terrível, implacável a quem abrimos as nossas portas, a quem devo perto de quatorze contos de réis e que se apresenta agora exigindo o pagamento da sua dívida.

LUCIA.—Pois o Commendador, em quem depositavas as tuas esperanças, e que parecia tão nosso amigo...

JORGE.—E' verdade, Lucia, se lhe não der a mão de Isabel estou completamente perdido. Elle tem no seu poder documentos para me conduzir á miseria e á prisão ! Nosso amigo dizes tu. . Elle calculava com tudo isso, elle esperava a sangue frio a hora em que devia pôr em pratica as suas aspirações, certo do triumpho no caso de uma recusa. Pobre pai, que te illudiram ! A falsa generosidade desse homem era o manto com que elle encobria as suas maldades.

LUCIA.—Elle insiste então no seu casamento com Isabel.

JORGE.—Mais do que nunca. E' a sua ultima resposta. Fui á sua casa e nem as minhas lagrimas nem o estado da minha filha que lhe fiz ver, quando pela primeira vez a consultei sobre este assumpto, o demoveram desse proposito. As minhas lagrimas foram recebidas por elle na mesma altura em que se recebem as queixas de um lacaio... Quiz lutar... impossivel ! a desigualdade era tremenda ! O lobo faminto contando com todas as suas forças devia acabar por devorar covardemente o innocente cordeiro.

LUCIA.—Só Isabel nos póde salvar. Estou certa que ella não recuará um passo ; ella exporá sem duvida a vida, desde que conhecer a nossa triste situação. A

filha salvará o pai e Deos recompensará o nobre sacrificio do seu coração

JORGE.—Sim, só ella póde com uma palavra tirar-me do abysmo que eu com minhas proprias mãos cavei. A lembrança porém de Carlos a quem tanto ama, destroe toda e qualquer esperanza que possamos ter. Unica taboa de salvação, no presente naufragio, as ondas impetuosas desse amor de infancia, affastam-n'a de nossos olhos e teremos de soçobrar por força.

LUCIA.—Eu conheço o coração de Isabel, não será assim ; estou certa que ella ha-de ouvir-me.

JORGE.—Recusará, como já tem recusado de outras vezes.

LUCIA.—Ella ignora sem duvida o teu estado ; eu lhe explicarei tudo, Qualquer sacrificio filial, por maior que seja, não compensa as vigalias e cuidados que muito antes de nascer, uma filha deve a sua mãe. Ella não quererá por certo a desgraça d'aquelles a quem deve a existencia. Comprehenderá o seu dever e nos salvará a todos. Eil-a, deixa-nos sós e veremos se uma filha é insensivel diante das lagrimas de sua mãe.

JORGE.—Que Deos illumine o teu espirito e oxalá que obtenhas feliz resultado. (*Sae pela D.*)

SCENA SEGUNDA

LUCIA e ISABEL

ISABEL (*sahindo da E. muito risonha*).—Bom dia, mãe ; accordei hoje tão alegre ! não sei o que me advinha o coração, sonhei toda a noite com meu primo Carlos. Vamos esta noite ao theatro ?

LUCIA.—Vamos, sim, minha filha. Vê no jornal o que se representa hoje !

ISABEL (*tomando o jornal que está em cima da mesa*).
— Olhe, mamãe, temos peça nova em S. Luiz. Vamos, sim ?

LUCIA.—Que duviãa ! Teu pai não tarda ahi, e se tu lhe pedires, estou certa de que não te recusará.

ISABEL.—Elle, o papai recusar · não vê. Elle tão bom, tão condescendente para mim que sonha com os meus desejos e com os meus caprichos para satisfazê-los ?...

LUCIA.—Não fáz mais do que o seu dever. Quem tem por filha um anjo como tu, deve agradecer a Deos e fazer-lhe todas as vontades.

ISABEL.—Sou sua filha, minha mãe, e nisso está o meu maior orgulho; não sou ingrata, sei o que nós devemos a um pai e a uma mãe como eu tenho. Divida sagrada, contrahida desde o berço e que se não paga mesmo além da sepultura.

LUCIA.—Dizes bem minha querida Isabel ; é assim mesmo. Os juros de uma divida filial nunca se podem pagar, os paes são eternos credores dos filhos. Mas nem todos pensam assim ; ha quem julgue até que nós não fazemos mais do que cumprir uma obrigação imposta pela natureza.

ISABEL.—Não é possível, minha mãe ; não posso acreditar.

LUCIA.—Oh ! tu não conheces o mundo. A ingrati-dão é o sentimento que mais domina nas creaturas. Ha discipulos que saem das aulas gritando por toda a parte que nada devem aos mestres ; doentes que apenas salvos de uma grave enfermidade, esquecem-se do medico que desvelado e carinhoso velou noites inteiras á sua cabeceira. Não vês por ahi um certo numero de homens, que se dizem representantes da nação ? Pois bem ; para lá chegarem, não ha sorrisos, não ha

promessas, não ha apertos de mão que não dispensem; mais depois olvidam-se de tudo, e até se envergonham de tirar o chapéo na rua áquelles mesmos que os elle-varam ao poder !

ISABEL. — Póde ser que isso seja assim, porém lá fóra no mundo profano; aqui no pequeno mundo da familia é muito differente.

LUCIA. — E' a mesma cousa, ou peor ainda talvez. Ha filhos que arruinam seus paes, compromettendo-os a cada momento. Filhas que fogem do lár materno, cavando muitas vezes a sepultura de suas mãis. Agora mesmo teu pai acaba de contar-me uma historia que me abalou a alma e ainda estou debaixo de uma impressão bastante desagradavel.

ISABEL. — E' verdade ; agora reparo. Creio até que chorou ; seus olhos ainda estão pisados. Conte-me essa historia ; tenho curiosidade de ouvil-a.

LUCIA. — Oh ! não ! o teu coração vae de certo revol-tar-se e eu não quero causar-te afflições.

ISABEL. — Conte mamãi ; prometto ouvi-la a sangue frio.

LUCIA. — Então escuta. Helena era uma linda moça a quem seus paes educaram com todo o desvello e carinho. A maior alegria d'aquelles dois velhos era verem sua filha contente e feliz, ora saltando no meio do jardim, por entre as flôres que se envergonhavam da sua bellesa, ora assentada ao piano, executando peças de musica que chamavam a attenção de quem passava da rua. O mais pequeno desejo d'aquella creatura idolatrada era satisfeito, custasse o que custasse. Formosa como era attrahio a curiosidade d'um homem rico que morava na visinhança, e que um dia, não podendo mais resistir a paixão que Helena lhe havia inspirado entrou em sua casa e solicitou a sua mão. Seus paes

disseram que sim, mas a moça recusou ; passou-se algum tempo ; elle voltou fazendo o mesmo pedido e ella tornou a recusar. Repetio-se esta scena mais duas ou tres vezes, até que o homem despeitado, penetrou alta noite em casa de Helena. Amordaçou os dous velhos, e chamando por ella disse-lhe, erguendo um punhal: a senhora tem a vida de seus pais na sua mão; quer ser minha mulher ? Mas eu amo outro, balbuciou a moça, não posso ser sua, Nada tenho com isso respondeu o homem, decida, não tenho tempo a perder: Não posso ser sua tornou ella, o meu coração não me pertence. O homem não disse mais nada; levantou o ferro duas vezes, e dois cadaveres ficaram estendidos no chão !

ISABEL.— E Helena, minha mãe, o que fez ella ?

LUCIA.— Fugio, e foi encontrar-se com o amante que a esperava na porta do jardim.

ISABEL.— Que horror !

LUCIA.— Que querias tu que ella fizesse, amando com tanta paixão ?

ISABEL.— Que não deixasse matar seus paes.

LUCIA.— E o seu amante ?

ISABEL.— Pedisse soccorro; arrancasse o punhal das mãos do assassino, e em ultimo caso, qualquer sacrificio que fizesse para salvar seus paes, não fazia mais do que cumprir com os sagrados deveres de uma filha.

LUCIA.— Nesse caso, se tu nos visse na mesma situação, era assim que procederias ?

ISABEL.— Quem póde duvidal-o ?...

SCENA TERCEIRA

OS MESMOS e JORGE

JORGE (*Que tem ouvido as ultimas palavras de Isabel*).— Ninguem, minha querida filha; foi o teu coração que fallou; aqui estou a teus pés; o assassino não tarda e se tu recusares...

ISABEL (*levantando Jorge*).— Levante-se meu pai. Que quer dizer isto? Então essa historia...

LUCIA.— Era nossa, minha filha. O commendador não tarda e se não obtiver a tua mão, teu pai está irremediavelmente perdido.

ISABEL.— E' isto verdade, meu pai?

JORGE.— Mais do que verdade. Perdoa-me; fui eu quem te precipitou n'este abysmo, fui eu quem te matou as esperanças do futuro; fui ainda eu quem esquecendo a minha sagrada missão, comprometti-me com esse homem. Devo dinheiro que lhe não posso pagar, e elle exigio em troca de papeis que lhe passei e da minha liberdade a tua mão de esposa.

ISABEL.— Tranquillisi-se meu pai, o punhal do assassino nem de leve o hade ferir: sei o que devo fazer estou resignada e resolvida a tudo, com tanto que os não veja chorar.

JORGE.— E Carlos, o teu noivo de infancia?

ISABEL.— Carlos cumpre com o seu dever no campo de batalha; eu cumpro com o meu no campo da familia. Derrama seu sangue para desanffrontar a patria, que é para elle uma segunda mãe, não é muito que eu faça um pequeno sacrificio derramando lagrimas para salvar aquelles a quem devo a vida, carinhos, educação, e tudo finalmente!

LUCIA.—Não te disse Jorge, ella nos comprehendeu; agradeçamos a Deos o anjo de salvação que nos envia.

SCENA QUARTA

OS MESMOS e o COMMENDADOR

COMMENDADOR (*na porta*).—Dá licença, Sr. Jorge ?

JORGE (*baixo*).—Eil-o, minha filha, coragem !

ISABEL.—Nada receie, meu pai.

COMMENDADOR.—Como vão os meus bons amigos D. Lucia, D. Isabel. Formosa como sempre; não sei o que experimento quando estou a seu lado, que me sinto creança, timido e acanhado ! Tenho para com a virtuosa filha dos meus amigos tal respeito, e tal veneração, que receio sempre que os meus labios indiscretos vão offendel-a revellando-lhe aquillo que experimento dentro d'alma.

JORGE.—Bondade sua, Commendador. Minha tilha é como todas as moças da sua idade; não vejo nella cousa alguma que possa inspirar tal admiração.

ISABEL.—Meu pai diz a verdade; eu sou como todas as outras, e não posso entender as palavras do Sr. Commendador, senão pelo seu verdadeiro lado. Ellas não são mais do que a repetição de outras muitas que em idênticas circumstancias sua esmerada educação e o seu character generoso teem dispensado para com aquellas que estão no meu caso.

COMMENDADOR.—Oh ! não, D. Isabel; não me faça essa injustiça; não é generosidade, porém sim um verdadeiro tributo que eu consagro, não só a sua belleza como aos bellos dotes que a distinguem. Seu pai sabe de tudo, e conhecendo perfeitamente as minhas inten-

ções a seu respeito, seja o proprio juiz n'esta causa, condemnando-me sem piedade, se me julgar culpado.

LUCIA.— Isabel sabe tudo, Commendador, e aprecia deveras o seu character.

ISABEL.— Menos quanto se torna lisongeiro.

COMMENDADOR.— Lisongeiro. quando se diz a verdade? Não me confunda D. Isabel com esses homens que vivem a cortejar todas as moças tendo para cada uma a sua linguagem differente. Eu não sei dizer senão aquillo que sinto; meus labios não sabem soletrar senão aquillo que tenho escripto no coração. Diga V. Ex. uma palavra dê-me uma ordem qualquer e juro-lhe, que por mais difficil que seja, eu a comprirei. Quer o meu sangue, quer a minha vida? Diga-o D. Isabel, e terá a seus pés, não um lisongeiro como pensa, mas um escravo submisso.

ISABEL.— Eu lhe agradeço Commendador, e acredite que saberei corresponder á sua amabilidade. Sinto não estar collocada na altura dos sentimentos elevados que lhe inspirei. Meu pai, minha mãe, peço-lhes que me deixem só com o Sr. Commendador.

LUCIA (*sahindo*).— Tens na tua mão a vida de teu pai.

JORGE. (*o mesmo*).— Coragem, filha, coragem.

ISABEL.— Socegue meu pai; sua filha subirá risonha até o cimo do calvario. (*Jorge e Lucia saem*).

SCENA QUINTA

ISABEL e o COMMENDADOR

ISABEL (*crusando os braços*).— Estamos sós, Sr. Commendador; a victima está diante do seu algoz. Ordene, estou prompta a obdecer-lhe.

COMMENDADOR.—Não comprehendo, D. Isabel.

ISABEL.—Não faça tão pouco na sua intelligencia. Pois o senhor não comprehende aquillo que tão habilmente preparou? Não comprehende, depois de ter armado o laço com suas proprias mãos, como foi que as innocentes aves lhe cahiram debaixo das unhas?

COMMENDADOR.—Continuo a não comprehende-la.

ISABEL.—Oh! Commendador, seja máu, seja tudo quanto a sua fortuna lhe permite ser, mas por Deos lhe peço, arranque a mascara. O seu cynismo estúpido revolta o meu coração e faz-me perder toda a coragem.

COMMENDADOR.—D. Isabel, pois a senhora não vê que eu a amo, que estou prompto a sacrificar tudo pela senhora! Ainda não comprehendeu, ha tanto tempo, que o que me trasia a esta casa era o som da sua voz, que ouvia por toda a parte, o perfume de seu hálito, a luz de seus olhos, que accendeu em meu peito o amor mais sincero, mais devotado e mais terrivel que conheço? E' perigoso quando se ama desta fórma na minha idade.—Não sou creança, e estou exactamente no periodo em que as paixões costumam a tomar porporções assustadoras! Tenha compaixão do meu soffrer, D. Isabel; eu amo-a, como se póde amar na vida; adoro-a, como se póde adorar um anjo.

ISABEL.—O senhor está mentindo.

COMMENDADOR.—D. Isabel!...

ISABEL.—Mentindo, sim! O seu amor não é mais do que um capricho de homem de dinheiro; a sua paixão um passatempo de homem da moda, o seu casamento commigo, uma transacção commercial! O senhor não quer uma esposa, quer uma escrava, a troco de um punhado de notas do banco!

COMMENDADOR.—Não me torture por esse modo; as

suas palavras me tornam louco. Desgraçado que sou ! Maldigo a minha riqueza. Desejava ser pobre, para que a senhora comprehendesse a verdade das minhas palavras ! O dinheiro nem sempre traz a felicidade ! O homem rico não tem licença nem para manifestar os impulsos de seu coração ; as suas mais bellas intenções são alcunhadas de perversidade e de calculos ignobeis. Felizes aquelles que se casam por amor e que o trabalho vem santificar essa união cujos laços o Todo Poderoso, aperta cada vez mais.

ISABEL.— Se eu pudesse acreditar nas suas palavras, se o senhor fosse bom e generoso ? !

COMMENDADOR.— A senhora duvida ? experimente, D. Isabel. Não lhe disse que estou prompto a obdecer-lhe ?

ISABEL.— Quem sabe ! Vou contar-lhe uma cousa, que talvez o senhor não ignore. Eu amo. Não é desses amores que nascem ao começar de um baile, crescem no meio de uma quadrilha, e são selladas por um juramento que é feito no meio da loucura de uma valsa. Não; é um sentimento que nasceu commigo, que cresceu com o desenvolvimento da minha razão, e que hoje existe aqui dentro do meu peito, como se fizesse parte do meu corpo. Como a flôr que cresce ao fresco orvalho da manhã e fortalece com os raios do sol, exalando o seu perfume como sereno das noites de luar, seria crueldade arrancal-a, Commendador, pelo simples prazer de ver uma pobre flôr, murcha, triste, deixando cahir, uma por uma todas as petalas que formavam o seu fucturo de felicidade. Se é bom, como diz, e generoso como quer ser, renuncie a este casamento. Eu não posso ser sua ; pertenco desde muito tempo ao amor de meu primo Carlos.

COMMENDADOR.— Estou prompto a tudo, menos a

renunciar a sua mão. Já lhe disse, D. Isabel, quando um homem da minha idade se apaixonou, torna-se perigoso. Não sou culpado; foi a senhora, que rainha absoluta no seu throno de belleza, offuscou a minha razão de subdito respeitoso. Passarei por toda e qualquer prova, porém não tenho a coragem precisa para ver aquella que idolatro nos braços de um rival feliz.

ISABEL.—Então depois da confissão que acabo de fazer-lhe...

COMMENDADOR.—Que importa! Eu amo-a!

ISABEL.—A despeito de tudo?

COMMENDADOR.—De tudo, sim. Amo-a. e estou certo que algum dia a senhora conhecendo a veracidade deste amor, corresponder-me-ha da mesma maneira!

ISABEL.—Nunca!

COMMENDADOR.—Seremos felizes.

ISABEL.—Nunca!

COMMENDADOR.—Ninguem ousará perturbar a nossa felicidade!

ISABEL.—Nunca!

COMMENDADOR.—E quando ella fôr autorisada a face do altar...

ISABEL.—Nunca!

COMMENDADOR.—Nunca?! Bem; seu pai indicar-me-ha o que devo fazer. Adeus, minha senhora.

ISABEL (*como ferida de um raio*).—Ah! perdão, Commendador, tinha-me esquecido... eu serei sua esposa...

COMMENDADOR (*cahindo de joelhos*).—Obrigado, Isabel, obrigado!

SCENA SEXTA

OS MESMOS, D. MARIA, LUCIA, MARIQUINHAS, logo depois
JORGE e LUCIA.

LULU (*entrando e vendo o Commendador*).—Olhe mãi, aquelle sugeito está namorando D. Isabel.

D. MARIA.—Cala a boca, menino. Aquillo é talvez o sapateiro que lhe está tomando medida das botinas. (*alto a Isabel.*) Adeus meu botão de rosa, como vai isso ?...

ISABEL (*correndo a ella*).—D. Maria !

D. MARIA.—E' verdade, sou eu. Meu cravo sahio, fiquei sósinha em casa e vim fazer-lhe um visita. (*comprimentando*). Sr. Commendador ! (*a Isabel*). Aonde está seu pai ? que é feito de sua mãi ?

ISABEL.—Eil-os ahi.

D. MARIA (*a Lucia que entra*).—O' meu amor perfeito ! (*abraça-a*) Sr. Jorge !

JORGE.—Minha senhora (*ao Commendador*). Então Commendador ?

COMMENDADOR.—Eu não lhe disse ? está tudo perfeitamente arranjado.

JORGE.—Respiro ! (*sentam-se todos*).

LUCIA.—D. Maria por aqui ? ! A que santo devemos esse milagre ?

D. MARIA.—A S. Barcellos, que sahio pela manhã, e ainda não voltou. Creio que foi cobrar o soldo. Então já sabem ? estive hontem n'um baile. Que esplendor D. Lucia ! que magnificencia, D Isabel !... que vestidos elegantes ! que musica arrebatadora !...

LULU.—Tinha doces como que...

MARIQUINHAS.—Eu fiquei com dôr de barriga.

ISABEL.—Já sei que divertio-se muito em companhia do Capitão.

D. MARIA.—Qual ! elle não vai a bailes ; mas não fáz idéa. meu anjinho, como eu me diverti !... Até polkei, coisa que já não faço a muitos annos ! e que cavalheiro chique e attencioso ; não fáz idéa ! Decididamente, não ha nada que chegue a uma reunião de primeira ordem !

COMMENDADOR.—Está-me parecendo que a Sra. D. Maria deixou por lá alguém, completamente apaixonado.

JORGE.—Deveras ?

D. MARIA.—Não o diga brincando ; até inspirei ciumes.

LUCIA.—Sim ?

COMMENDADOR.—Conte-nos isso.

JORGE.—Appoiado.

D. MARIA.—Pois então escutem. Estava uma moça sentada ao pé de mim, e o namorado todas as vezes que vinha conversar com ella, não fazia senão olhar para o meu lado ; até que continuou a mesma conversa, sentando-se ao pé de mim. Que amabilidade ! não fazem idéa ! foi elle quem polkou commigo. Eu não polkava, voava nos seus braços. Creio que a nova paixão que eu lhe havia inspirado, emprestava-lhe forças para me conduzir no meio d'aquella dança vertiginosa. A moça mordia-se, e eu achava-lhe graça. Isto durou até o fim do baile, e na sahida, o rapaz louco e apaixonado, entregou-me este bilhete dobrado em abraço, dizendo-me baixinho ; não leia isto senão amanhã. Ainda não li, tenho receio de o abrir.

COMMENDADOR.—Vamos a vêr, D. Maria, devem haver ahí preciosidades.

D. MARIA.—Nada, não senhor ; ha de ser diante

do senhor meu marido, que não faz senão chamar-me velha. Quero provar-lhe que ainda posso inspirar alguma cousa na minha idade.

COMMENDADOR.—Sem duvida ! Chamar-lhe velha é uma injustiça que a senhora não merece.

LULU.—Papai está sempre dizendo que mamãe já está na reserva.

D. MARIA.—Papagaio real, para Portugal... Alguem lhe perguntou quantos annos tem?... Ora faça-se engraçado.

SCENA SETIMA

OS MESMOS e o CAPITÃO BARCELLOS

CAPITÃO (*entrando*).—Em tempo de guerra não se pede licença ; achei o quartel vazio e venho em procura dos desertores. Como vai Commendador ? Amigo Jorge. Pelo que vejo o batalhão está todo de perfeita saude.

LUCIA.—Sente-se Capitão, deve estar fatigado.

CAPITÃO.—Nem por isso. Quando vou á rua do Ouidor, entro em casa do Castellões sento-me e não tenho vontade de lá sahir, Allí sabe-se de tudo, vê-se de tudo, e ouve-se de tudo. Toda a gente vai ali. Aquillo é uma especie de purgatorio onde os peccadores vão desabafar os peccados do dia. Acabo de ouvir contar uma anedocta que fez rir a bandeiras desprezadas a quantos estavam lá.

JORGE.—Hoje é o dia das historias ; venha lá mais essa.

CAPITÃO.—Oh ! esta está no gosto da época ; e prova ainda mais aquillo que tenho repetido tantas vezes. A velhice quando não tem juizo, só serve de peteca para os rapazes.

COMMENDADOR.—Vamos a isso Capitão, dê a luz a tal historia.

CAPITÃO.—A cousa passou-se n'um baile : dois namorados queriam conversar a sós, porém o olhar indiscreto de uma velha que estava perto delles, os incommodava bastante. Que fazer? tomaram um partido. Fizeram da cuja, alliada dos seus amores, e ella tomando a nuvem por Juno, julgou que o moço arequestava e prestou-se a um debique solemne.—Até polkou excitando a gargalhada geral. Por fim o moço querendo completar o ridiculo, para aquella mumia, escreveu uma quadra n'um pedaço de papel, dobrou-a em fórma de abraço e entregou-lhe á sahida do baile, dizendo-lhe baixinho, não leia isto senão amanhã. Na rua do Ouvidor, não ha quem não tenha uma cópia dessa quadra. Eu trouxe uma e quero fazer presente a minha mulher.

COMMENDADOR.—Creio que chega tarde. D. Maria já está servida.

CAPITÃO,—Dar-se-ha caso que seja a senhora a heroína dessa novella? Palavra de honra ! tinha sua graça, e eu estimaria que levasse essa lição.

D. MARIA.—Engana-se meu senhor ; aconteeo-me alguma cousa que se parece com isto na fórma, porém o fundo é completamente differente. Aqui está o meu bilhete. (*Dá o bilhete ao Capitão*).

CAPITÃO (*dando ao Commendador*).—Queira conferir Commendador.

COMMENDADOR (*abrindo o bilhete*).—Prompto.

CAPITÃO (*puchando outro bilhete*).—Aqui está o meu, La vai.

« Oh ! velha não me persigas
« Não me mordas sanguexuga,
« Não ha páos de cabelleira
« Com fórmãs de tartaruga. »

COMMENDADOR.—Está conforme ? Quer que lhe ponha o visto ?

D. MARIA.—Que desaforo ! que malcreado !... Pensei que divertia-me com elle e foi elle quem se divertio commigo !

CAPITÃO.—Chama-se a isso ir buscar lã e sahir tosquado. Aproveite a lição e que ella lhe sirva de emenda.

COMMENDADOR.—Não se desconsolle, D. Maria, e para suavisar as suas magoas, está convidada desde já para o meu baile ; e desta vez ha de ser em companhia do Capitão.

CAPITÃO.—O senhor dá um baile ?

D. MARIA.—Quando é ?

LULU.—Tem doce ?

COMMENDADOR.—O mais breve possivel. O meu baile tem dois fins, é a despedida que dou aos meus amigos, por ter de ausentar-me do Rio de Janeiro e festejar ao mesmo tempo o meu casamento

D. MARIA.—Casa-se Commendador ?

CAPITÃO.—Póde saber-se o nome da feliz vivandeira ?

JORGE.—Pois não advinharam ?.. E'...

LUCIA.—Nossa filha Isabel.

D. MARIA.—Oh ! parabens, meu botão de rosa.

CAPITÃO.—Acertada escolha. O Commendador é um

bom general, ha de ser no matrimonio um excellente cabo de guerra.

COMMENDADOR.—Hei de fazer o possivel. O anjo que vou ter como companheira, encherá de suprema alegria a minha existencia inteira.

ISABEL (*contra feita*).—Estou certa que não me será muito difficil. Quando se tem um marido generoso e delicado como o senhor, póde-se garantir de ante mão, uma vida toda cheia de encantos e felicidade ?

LUCIA.—Pobre filha ! como ella soffre ! (*sente-se grande barulho na rua : Vivas á nação brasileira e aos Voluntarios da patria. Hymno Nacional.*)

JORGE.—Que é isto ?

CAPITÃO (*sahindo*).—Vou vêr.

ISABEL.—Dai-me forças meu Deos !

LUCIA.—Que será ?

LULU E MARIQUINHAS.—Eu quero ver a musica, eu quero ver a musica.

CAPITÃO (*entrando a correr*).—Viva o Imperador ! Viva o Brasil ! Finalmente está terminada a guerra do Paraguay ! Ahi vem o portador da noticia ; preparem-se para uma grande surpresa.

SCENA OITAVA

OS MESMOS e CARLOS

(*Fardado de tenente de Voluntario da patria. Tras uma corôa de louros na espada e o peito coberto de condecorações.*)

CARLOS (*entrando*).—Isabel, minha querida Isabel !

ISABEL (*desmaiando nos braços de Lucia*).—Não posso mais... Accuda-me minha mãe.

LUCIA (*amparando-a*).—Filha !

JORGE (*correndo a ella*).—Que é?...

COMMENDADOR.—Maldito!

LUCIA.—D. Maria, ajude-me a leval-a para dentro.

D. MARIA.—Sim, vamos; isto passa-lhe já. (*saem levando Isabel*).

SCENA NONA

OS MESMOS, MENOS D. MARIA, ISABEL, LUCIA e os PEQUENOS.

JORGE.—Carlos, já não contavamos comtigo. Ha tantos mezes nem uma carta, nem uma noticia.

CARLOS.—Ah! meu tio, o soldado em campanha lucha com mil difficuldades e não sabe se ha de acudir aos gritos da patria afflicta se as saudades que sente pela familia.

CAPITÃO.—E' tal qual, meu valente militar. Em campanha, só temos um pensamento, um guia, uma familia, é o pavilhão nacional. Por elle damos tudo. O amor de pai, os carinhos da esposa o amor do filho, tudo... damos o nosso sangue, a nossa vida. e exalando o ultimo suspiro no campo de batalha soltamos o nosso grito costumado :— Viva o Imperador! Viva a patria!... Abraça-me, Carlos, abraça-me.

JORGE.—Então a guerra está diffinitivamente acabada.

CARLOS.—Sim, meu tio. A féra encurralada acaba de expirar nas margens do *Aquidabam*. Pagou com a vida a affronta que atirou á face do Brasil, e Deos lhe perdoe os enormes crimes da sua constante ferocidade!

CAPITÃO.—Ainda bem. Nós estavamos socegados; ninguem o mandou bolir na casa de marimbondos. O Brasil adormecido foi acordado de improviso e soltando

o seu grito de guerra, vio orgulhoso, correr do norte ao sul, as espadas de todos os seus filhos, para vingal-o da affronta recebida. Praza aos céos que a patria saiba recompensar o patriotismo de todos, e não os deixe por ahi mutilados e esquecidos.

CARLOS.—Como me simto feliz de ver esta casa. Julguei nunca mais avistal-a. Nem os perigos, nem as privações porque passei me acobardaram ; porém a lembrança de Isabel atormentava-me Não queria morrer sem tornar a vel-a, para lhe dizer cheio de jubilo, aqui estou Isabel ; aqui está o teu noivo.

COMMENDADOR (*baixo a Jorge*).—E' preciso acabarmos com isto.

JORGE.—Carlos, meu sobrinho, a tua ausencia prolongada, a falta de noticias tuas, foram a causa de uma grande mudança que vai de certo surprehender-te.

CARLOS.—Que diz meu tio ?

JORGE.—Sim Isabel cansada de esperar por ti, julgando-te mesmo morto, tomou outras resoluções ; e acaba de dar a sua palavra ao Sr. Commendador Fernando Lopes, com quem se vai unir dentro de poucos dias.

CARLOS.—O Senhor ? !

COMMENDADOR.—Sim, meu jovem guerreiro. Isto talvez o contrarie, porém as victorias que acaba de alcançar de certo o cousolarão.

CARLOS.—Isabel disse que se casaria com o Senhor?

COMMENDADOR.—Poucos momentos antes da sua chegada.

CARLOS.—O senhor mente.

JORGE.—Carlos !

COMMENDADOR.—Eu creio que a fumaça da polvora não pôde fazer esquecer a um bom soldado a delicadeza de suas phrases.

CARLOS.—O enhor mente, repito. Isabel não lhe podia dizer tal.

SCENA DECIMA

OS MESMOS e ISABEL

ISABEL (*D. A.*)—O Commendador acaba de dizer a verdade ; eu serei sua esposa.

CARLOS.—Tu ? !

ISABEL.—Eu, sim.

CARLOS.—E foi para dizer-me isto que juraste esperar por mim, no proprio dia que embarquei ? !

ISABEL.—Não sou livre, Carlos ; e hoje mais do que nunca, este casamento ha de fazer-se.

CARLOS.—Nesse caso o teu casamento é feito contra vontade ! E' meu tio quem te força a isso ?

ISABEL.—Não.

CARLOS.—Não posso então comprehender.

ISABEL.—E' porque....

CARLOS.—Acaba.

ISABEL (*Depois de um pequeno esforço e olhando para o pai*).—Eu amo o commendador.

CARLOS.—Ah! (*Cambalea-se e segura-se no Capitão*)

CAPITÃO.—Então que é isso ? Está diante do inimigo ; não se acobarde dessa maneira !

CARLOS (*erguendo a cabeça*).—Tem razão ; a cobardia é um crime. E' preciso levantar a cabeça e olhar bem de frente para tudo isto. Isabel, tu acabas de ferir-me de morte, porém eu te perdôo. Tambem que podia eu esperar ? Que trago eu para satisfazer os teus caprichos de moça vaidosa ? Quaes são os titulos que me recommendam, para exigir o cumprimento da tua palavra ? Trago dinheiro ? Não. E o dinheiro é hoje a mola real do

mundo. Com elle se compra o brio, a dignidade, a honra e até mulheres, que esquecendo-se de seus juramentos, não se envergonham de serem taxadas de perjuras! Louco que eu fui? Em vez de procurar tornar-me millionario, fui cobrir-me de cicatrizes em defeza da patria! Em lugar de trazer dinheiro, trago a minha espada ainda tinta do sangue inimigo. Em vez de procurar obter uma fortuna, fui buscar fitas e medalhas. (*tirando a corôa que está na espada*) E esta corôa que me deram na praça, oh! eu a calco aos pés! não preciso de glorias, preciso de dinheiro! Não careço de ovações careço de dinheiro! muito dinheiro! quero comprar esta sociedade corrupta, que se dobra e se vende a todos os instantes.

ISABEL.—Carlos!

JORGE.—Meu sobrinho!

COMMENDADOR.—Senhor!

CARLOS.—Nem uma palavra! Sinto-me neste momento capaz de tudo. As ballas inimigas crusaram-se por cima da minha cabeça e nunca me viram tremer; as suas baionetas, brilhando á luz do sól, nunca me fizeram voltar o rosto; as metralhas cahiam-me aos pés e não recuei nem um passo. Eu era o primeiro a saltar as suas trincheiras. As marchas, as fadigas, as privações, tudo supportei com coragem! Tinha uma esperança. Era aquella que amava! tinha um uniconome nos labios, Isabel! Sim, Isabel, eu pronunciei esse nome no calor dos combates; gelado de frio no meio dos campos, na hora do repouso, se por acaso adormecia, via a sua imagem, em sonhos e acordava chamando por ella! Após tudo isto, o que vim encontrar aqui no seio de minha familia? Respeitado pelos inimigos, sou covardemente assassinado nas minhas mais caras esperanças.

JORGE.—Não posso deixar que continues a fallar por esse modo Carlos, creio que estou em minha casa,

CARLOS.—Complete a sua obra, ponha-me fóra della. Descance, não o encommodarei por muito tempo. Sei que nada mais tenho a esperar. Seja feliz, Isabel, em companhia de seu marido. Eu tambem vou casar-me. Aqui está a minha noiva (*tomando a espada*). Esta é a verdadeira mulher do soldado; companheira fiel, nunca me atraçouu, estava sempre prompta na hora do perigo. Vem comigo. fujamos desta casa. O ar que se respira aqui está envenenado. Partamos. (*Vae a sahir*)

SCENA DECIMA PRIMEIRA

OS MESMOS, JOÃO DA CUNHA (*do F.*) LUCIA, D. MARIA e os PEQUENOS (*D. A.*)

João (*entrando*).—Espere lá, menino; eu tambem quero entrar na dança?

Todos (*menos o Commendador*).—O Sr. João?!

CARLOS.—Ah! meu padrinho! meu querido padrinho! (*abraça-o.*)

COMMENDADOR.—Ainda este homem!

João.—Ora vivam todos! Não contavam comigo! Ingratos! Então quando é o casamento, Commendador? Nesse dia não ha remedio, tenho por força de mandar fazer casaca. Sou o padrinho dos noivos e não quero envergonhal-os na igreja.

JORGE.—O Senhor é o padrinho?

COMMENDADOR.—Quem foi que lhe disse isso?

João.—V. S. mesmo. Então já se não lembra? Ora toque nesta sé velha para ganhar indulgencias! (*o Commendador volta-lhe as costas*) Ah! sim é verdade, esquecia-me; tem medo de sujar-se no meu toucinho. Pois

senhores, com que então o meu amigo Commendador não se lembra que me convidou para padrinho do seu casamento? Eu lh'o farei lembrar.

COMMENDADOR.—O Senhor está enganado; eu nunca o convidei para tal fim; acho o gracejo de mau gosto.

JOÃO.—Sabe a pimenta do reino. Pois olhe, agora já não tem remedio. Eu hei-de ser o padrinho por força.

COMMENDADOR.—O Senhor?! Ora meu caro capitalista, veja quando quer dar fim a essa farça ridicula.

JOÃO.—No dia em que o Senhor. tornar a mandar pôr na minha algibeira a sua carteira.

COMMENDADOR.—Fez bem em recordar essa scena. Quando se está perto do senhor; é preciso tomar-se todas as cautellas.

JOÃO.—Descance, o seu comparsa talvez não esteja hoje pelo ajuste.

ISABEL, JOIGE, LUCIA E CARLOS.—Como assim?!

JOÃO.—Não sabiam? Pois então esperem, que eu vou esclarecer o negocio. (*chamando*) Manoel?

CARLOS.—Que quer isto dizer, meu padrinho?

JOÃO.—Quer dizer. Carlos que não é só no Paraguay que existem os Lopes; nós o temos tambem por aqui.

MANOEL (*entrando*) — Senhor?

JOÃO.—Ora aqui está o homem das botas, Dei-lhe hoje a carta de liberdade. Podes fallar sem susto, moleque. Conta-nos aquella celebre historia da carteira.

MANOEL.—Foi *seu* Commendador que me deu cinco mil reis ppra eu botar ella na algibeira de sinhô.

TODOS — Oh!

JOÃO.—Cinco mil reis, heim?! Por cinco mil reis vendo eu uma arroba de carne secca; porém aqui o Commendador compra pelo mesmo preço as reputações alheias.

COMMENDADOR.—Quem não vê que o Senhor está re-

presentando ? ! Quer a todo custo justificar-se e traz consigo um bello defensor ! Tambem para um taverneiro só um advogado desta ordem.

JOÃO.—Não é muito que o taverneiro o tome por advogado, quando o nobre Commendador o fez parceiro das suas infamias.

COMMENDADOR.—Senhor !

JOÃO.—Não precisa gritar, eu ouço perfeitamente. O senhor mentio, quando publicamente me chamou de ladrão e ha-de confessal-o diante de todos.

COMMENDADOR.—O senhor está brincando.

JOÃO.—Tão certo como tres e dois serem cinco e eu chamar-me João da Cunha. Meus senhores, com licença. Eu tenho de dar duas palavras aqui ao amigo.

COMMENDADOR.—Eu não tenho negocios com o senhor.

JOÃO.—Ha-de tel-os, verá ! Até já meus amigos. Carlos espera-me lá dentro.

CARLOS.—Porém, padrinho....

JOÃO.—Não tenhas receio ; eu faço aqui o papel de exercito brasileiro. Esta sala representa as margens do *Aquidabam*. Não vês ali o Lopes ? E' preciso dar cabo d'elle. (*saem todos D. A*)

SCENA DECIMA SEGUNDA

COMMENDADOR e JOÃO

JOÃO (*sentando-se*).—Póde sentar-se Commendador ; eu dou-lhe licença.

COMMENDADOR.—Até quando quer o senhor abusar da minha paciencia, não me dirá ?

JOÃO.—Não se afflija, dizem que Roma não se fez

n'um dia. Isto vae devagar e entoado. Então V. S. não me convidou para padrinho do seu casamento?

COMMENDADOR.—E o Senhor a teimar! Declaro-lhe que já me aborrecem as suas asneiras.

JOÃO.—Pois tenha paciencia; o melhor da festa é esperar por ella. Vou contar-lhe uma historia. Foi um dia, um Commendador, que veio não sei da onde, com maços não sei de que; ficando rico sem poder dizer porque.

COMMENDADOR.— Céos!

JOÃO.—O que é Commendador? Está incommodado? Quer que vá buscar um copo com agua? sem cerimonia.

COMMENDADOR.—Obrigado, não sinto cousa alguma.

JOÃO.—Pensei; ficou, assim de repente com cara de macarrão mofado.

COMMENDADOR.—São seus olhos,

JOÃO.—Talvez, talvez. Pois como lhe ia contando, o tal Commendador, era um homem muito rico, mesmo muito rico... tambem pudéra! tinha o thesouro nacional em casa! Assim eu tambem ficava rico, é negocio que não custa. Um pouco de falta de brio, audacia, geito e coragem de gatuno, e a cousa arranja-se.

COMMENDADOR.—Não posso comprehender onde o Senhor quer chegar com semelhante historia.

JOÃO.—Talvez comprehenda melhor por escripto. *(mostrando uma carta)* Olhe, conhece isto?

COMMENDADOR.—A carta que perdi?! Dê-me já esse papel. *(avança para elle, quer tirar-lhe a carta e João agarra-o pelo braço)*

JOÃO.—Cuidado Commendador; aqui já não está o homem que lhe pedia misericordia. Sou velho, porém ainda tenho força bastante para metter debaixo dos pés um passador de notas falsas!

COMMENDADOR.—Oh! dê-me esse papel. Dar-lhe-hei em troca, tudo quanto quizer!

JOÃO.—Então, sou ou não sou o padrinho do casamento? Que lhe disse eu?

COMMENDADOR.—Oh! por piedade, não zombe; aqui me tem de joelhos.

JOÃO.—Foi assim também que lhe pedi.

COMMENDADOR.—De que lhe serve esse papel? O senhor é bom e generoso, não ha-de querer a minha perdição.

JOÃO.—Foram essas também as minhas palavras.

COMMENDADOR (*tomando-lhe as mãos*).—Oh! por compaixão de-me esse papel.

JOÃO (*afastando-se*).—Cuidado, não se suje na manteiga.

COMMENDADOR.—Por Deos lhe suplico

JOÃO.—Promette fazer tudo quanto eu mandar?

COMMENDADOR.—Prometto.

JOÃO.—Obdecerá cegamente ás minhas ordens?

COMMENDADOR.—Obdecerei. Porém o Senhor não me explicará como este papel lhe veio parar ás mãos?

JOÃO.—E' muito simples; foi a maçonaria quem m'o deu.

COMMENDADOR.—A maçonaria?!

JOÃO.—Sim, essa casa, onde se falla com o diabo á meia noite. Quando o moleque, por ordem sua meteu a mão na algibeira da sua casaca, não só tirou a carteira, como esta carta que lá estava, e encaixou tudo dentro deste bolso. Ora eu entreguei a carteira, mas a carta ficou cá dentro. Nunca mais vesti esta sobrecasaca. Tive de ir hontem á noite á maçonaria e mettendo a mão no bolso, á Providencia fez-me encontral-a. E' portanto á Providencia e a maçonaria que eu devo este grande achado!

COMMENDADOR.—E' justo ! fui eu que forneci as armas para o meu castigo.

JOÃO.—Feita esta explicação, passo a executar as minhas ordens, (*chamando*) Olá, venham todos.

SCENA DECIMA TERCEIRA

OS MESMOS, D. LUCIA, ISABEL, D. MARIA, os PEQUENOS, JORGE, CARLOS, CAPITÃO, o MOLEQUE, e depois um AGENTE DE POLICIA

JOÃO (*com a carta na mão*).—Sr. Commendador, o senhor mentio, ou não mentio, quando me acusou de ladrão ?

COMMENDADOR.—Menti.

TODOS.—Oh !

JOÃO.—Sou ou não sou, o padrinho do casamento ?

COMMENDADOR.—E'.

JOÃO.—Porém o senhor, reflectindo melhor, vendo que os dous primos se amam tanto, não acaba de dizer-me que está prompto a renunciar a esse casamento ?

COMMENDADOR.—E' a pura verdade.

ISABEL, LUCIA E CARLOS.—Será possivel ? !

CARLOS.—Isabel !

ISABEL.—Carlos !

JOÃO (*continuando*).—Não disse tambem que estava prompto a entregar ao Sr. Jorge certos papeis ?

COMMENDADOR.—Eil-os. (*Dá-os a Jorge*).

JORGE.—Os titulos da minha divida ? !

LUCIA,—Isto é um sonho !

CAPITÃO —Aqui houve grande novidade na ordem do dia !

D. MARIA.—Eu estou pateta !

MANOEL (*chegando-se*).—Sinhô não disse que eu podia fallar ?

JOÃO.—Falla, Manoel, falla.

MANOEL (*ao Commendador*).—Aqui está seu dinheiro, sinhô Commendador. Estes cinco mil réis nunca me passaram daqui (*indica a garganta. O Commendador fica immovel*). Ah ! não quer receber ? Pois apanhe-os, compre uma corda e enforque-se com ella !

COMMENDADOR.—Atrevido !

MANOEL. Atrevido, não, sinhô ; moleque fino e de bons sentimentos !

JOÃO.—Está bom, Manoel ; recolhe-te a bastidores.

COMMENDADOR.—Sr. João, preciso retirar-me immediatamente, dê-me essa carta. Creio ter cumprido o que lhe havia promettido.

JOÃO.—Ainda está com medo, Commendador ? Vá descançado. (*rasga a carta*) Os taverneiros vingam-se deste modo.

COMMENDADOR.—Emfim. (*vai a sahir e encontra-se com o agente de policia*)

AGENTE DE POLICIA.—O Sr. Fernandes Lopes ?

COMMENDADOR.—Sou eu.

AGENTE.—S. Ex. o Sr. Chefe de Policia, convida-o a chegar immediatamente á sua presença.

COMMENDADOR.—Estou perdido ! (*sai com o Agente*)

CARLOS.—Que quer dizer isto meu padrinho ?

JOÃO.—Não é nada ; fui eu que matei o Lopes.

CARLOS.—Oh ! minha Isabel como sou feliz !

ISABEL.—E eu querido Carlos.

JOÃO (*No meio delles abraçando-os*).—Sejam felizes meus filhos, e que Deus abençõe a nossa santa alegria. (*cai o pannão*)

FIM.

DRAMAS E COMEDIAS A' VENDÁ NA LIVRARIA POPULAR DE

CRUZ GOUTINHO

75 Rua de S. José 75

As duas orphãs, dr. 1\$; José do Telhado, dr. 2\$; Mystérios do Alcazar, dr. 2\$; O condemnado, dr. 1\$500; Gonzaga ou a revolução de Minas, dr. de Castro Alves, 2\$; O remorso vivo, dr. 2\$; A expiação, c. de J de Alencar, 2\$; Remissão de peccados, c. do Dr. Macedo, 2\$; Abel e Caim, c.—dr. de M. Leal, 1\$500; Direito por linhas tortas, c. de França Junior, 2\$; O poder do ouro, dr. 2\$; Romance d'uma velha, c. do Dr. Macedo, 1\$300; Pedro, dr. de M. Leal, 1\$500; O typo brasileiro, c. 1\$; O defeito de familia, c. 1\$; Amor com amor se paga, c. 1\$; Meia hora de cynismo, c. 1\$; Os homens de Cera dr. 2\$; A filha do administrador c. 1\$500; Os lazaristas, dr. 3ª edição com o retrato do autor 1\$; Os mineiros da desgraça, dr. 2\$; O compadre Suzano, c. 1\$500; A emancipação das mulheree, c. 1\$500; As tres graças, c. 1\$; A educação, c. 1\$; O Rocambole Junior, c. 1\$; Punição, dr. 2\$; A afilhada do barão. c. 1\$500; Quem porfia mata caça; c. 1\$; A justiça, dr. 1\$; Amor e honra, dr. 1\$; Como os aujos se vingam c. 1\$; O orphão e o mendigo, dr. 2\$; Um duello a espeto, c. 1\$; Maria, c.—dr. 1\$; O sargento-mór de Villar; dr. 1\$500; O porta-bandeira do 99 de iinha—scenas da guerra franco prussiana; dr. 1\$500; Os tripeiros, dr. 2\$; O irmão das almas, c. 2\$; O caixeiro de taberna, c. 1\$; Quem casa quer casa, c. 1\$; O juiz de paz ds roça, c. 1\$; Judas em sabbadó de alleluia, c. 1\$; Os dous ou o inglez machinista, c. 1\$; A familia eu a festa na roça, c. 1\$; Cynismo, scepticismo e crença, c.—dr. 2\$; Os homens do mar, dr. 2\$; A proibidade, dr. 1\$500; Os homens que riem, dr. 2\$; As mulheres de marmore, dr. 2\$; A Pupilla dos negros nagôs ou a força do sangue, dr. 2\$; Diabo, defunto e militar, c. 2\$; Alvaro da Cunha ou o cavalleiro de Alcacer-quibir; dr. 2\$; O anão e o corcunda, c. 1\$; João Brandão, o mata crianças, farça, 1\$; Tchang-Tching-Bqng, c. 1\$; Por um oculo, c. 1\$; Enquanto o diabo esfrega nm olho, c. 1\$; Fallar verdade a mentir, c. 1\$; O caminho da porta, c. 1\$; O protocollo, c. 1\$; Luiz ou a cruz do juramento, dr. 2\$; Lourencinho, dr. 1\$500; Vinte nove ou honra e gloria, dr. 1\$; Gabriel e Lusbel—os milagres de Santo Antonio, dr. 1\$; A morgadinha de Val-flôr, dr. 1\$; Os voluntarios de honra, c. 1\$500; A viuva do meu amigo, c. 1\$; A negação da familia, dr. 1\$500; Todas as scenas comicas de Vasques; Lagrimas de Maria; dr. 1\$; Orpheu na roça, 1\$; O livro de orações. dr. 1\$500; O jogador, s.—dr. 500 rs.; O despresado s.—c. 500 rs.; O Fausto, dr. phantastico, 1\$; Bernardo na lua, c. 1\$; Um par de galhetas, c. 1\$. Os pupillos do escravo, dr. 1\$500.

Na livraria da rua de S. José n. 75.—Rio de Janeiro.

THEATRO MODERNO LUSO-BRASILEIRO

Collecção de comedias dramas e scenas-comicas

- 1 COMO OS ANJOS SE VINGÃO, dr. em 1 a., C. C. Branco.
- 2 EMBRULHADAS DE AMOR, c. em 1 a., de R. Tavares.
- 3 O DR. GRAMMA, c. em 2 a.
- 4 O DIABO A QUATRO N'UMA HOSPEDARIA, c. em 1 a.
- 5 CEGUEIRA OU BEBEDEIRA? s. c.
- 6 UM MARIDO QUE É VICTIMA DAS MODAS, c. em 1 a.
- 7 AH! COMO EU SOU BESTA! por F. C. Vasques.
- 8 UM PAR DE MORTES, OU A VIDA DE UM PAR, calembourg.
- 9 O DIABO NO RIO DE JANEIRO, s. c. de F. C. Vasques.
- 10 O SR. DOMINGOS FÓRA DO SERIO, s. c. de C. Vasques.
- 11 MEIA HORA DE CYNISMO, c. em 1 a. de França Junior.
- 12 AS DUAS BENGALAS, c. 1 a.
- 13 DOIS GENIOS IGUAES NÃO FAZEM LIGA, c. em 1 a.
- 14 A AFILHADA DO BARÃO, c. em 2 actos de Mendes Leal.
- 15 O MENINO MONCLAR, s. c. de F. C. Vasques.
- 16 O DIABO ATRAZ DA PORTA, comedia em 1 acto.
- 17 RATÕES DA EPOCA, c. em 1 a.
- 18 A ESPADELLADA, c. em 1 a.
- 19 AS PITADAS DO VELHO COSME, s. c. de F. C. Vasques.
- 20 OS NAMORADOS DE JULIA, s. c. de F. C. Vasques.
- 21 UMA CRIADA IMPAGAVEL, comedia em 1 acto.
- 22 OS DOUS OU O INGLEZ MACHINISTA, c. em 1 a. de Penna.
- 23 UM QUARTO COM DUAS CAMAS, c. em 1 a. de Basto.
- 24 QUASI QUE SE PEGÃO, c. 1 a.
- 25 AMOR E HONRA, dr. 2 a.
- 26 PERDÃO D'ACTO EM PERSPECTIVA, c. em 1 acto.
- 27 DOUS PESCADORES, c. em 1 a.
- 28 JUDAS EM SABBADO DA ALLELUIA, c. em 1 a. de Penna.
- 29 O JUIZ DE PAZ NA ROÇA, c. em 1 acto de A de Penna.
- 30 ROCAMBOLE NO RIO DE JANEIRO s. c. de Vasques.
- 31 OS DOIS INSEPARAVEIS, c. 1 a.
- 32 O VIVEIRO DE FREI ANSELMO, c. em 1 acto.
- 33 EFEITOS DO VINHO NOVO s. c.
- 34 COMO SE PERDE UM NOIVO, comedia em 1 acto.
- 35 UM DEVOTO DE BACCHO, s. c. de F. X. Novaes.
- 36 CASAR OU METTER FREIRA, c. em a. de L. Mendonça.
- 37 AFFRONTA POR AFFRONTA, d. em 4 a. de L. Mendonça.
- 38 A BENGALA, s. c. de E. G.
- 39 A FESTA NA ROÇA, comedia em 1 acto, de Penna.
- 40 O ACTOR, s. c. de Novaes.
- 41 O BEBERRÃO, s. c. de Vasques.
- 42 O SR. ANSELMO APAIXONADO, PELO ALCAZAR, de Vasques.
- 43 JUSTIÇA, drama em 2 actos, de Camillo C. Branco.
- 44 O AMIGO BANANA, MAIS RATICES DO AMIGO BANANA, s. c.
- 45 UM POR OUTRO, c. em 2 actos de M. H. Pires Ferrão.
- 46 CERRAÇÃO NO MAR, s. c.
- 47 FUI VER A GRAN-DUQUEZA.
- 48 DOMINUS TECUM, c. em 1 a. de J. C. R. Montenegro.
- 49 TCHANG-TCHING-BUNG, 1 a.
- 50 POR CAUSA DE UM ALGARISMO, c. orig. em 1 a.
- 51 TIO TORQUATO, c. em 1 a.
- 52 UM LEÃO DE CASACA, s. c.
- 53 A COSTUREIRA, com. em 1 a.
- 54 OS DOIS MINEIROS NA CÔRTE, comedia em 1 acto.
- 55 DE NOITE TODOS OS GATOS SÃO PARDOS, comedia em 1 a.
- 56 O AMANTE DAS HARMONIAS, scena comica.
- 57 O EMPREZARIO AMBULANTE, scena comica.
- 58 O SR. BENTO DOS PONTINHOS, scena comica.
- 59 UM ALHO! scena comica.
- 60 O FAUSTO, dram. f. em 4 a.
- 61 O ORPHEU NA ROÇA, d. em 4 a.
- 62 DOUS PROVEITOS EM UM SACCO, scena em 1 acto.
- 63 EMQUANTO O DIABO ESPREGA UM OLHO! c. em 1 a. de Dr. A. de Castro.

A' VENDA NA LIVRARIA DE CRUZ COUTINHO

- 64 UMA MULHER POR DUAS HORAS, comedia em 1 acto.
- 65 RESONAR SEM DORMIR, c. 1 a.
- 66 BERNARDO NA LUA, f. em 1 a.
- 67 O ANÃO E O CORCUNDA, f. em 1 a. de J. F. da Cruz.
- 68 POR UM OCULO, c. em 1 a do Dr. A. de Castro.
- 69 OS DOUS SURDOS, c. em 1 a.
- 70 UMA EXPERIENCIA!, c. 1 a.
- 71 AGUENTEM-SE NO BALANÇO, s. c. de Vasques.
- 72 VARIACÕES DE FLAUTA, scena comica de Vasques.
- 73 O FIM DO ANNO POR UM VENDEDOR DE VIGESIMOS, scena comica de Vasques.
- 74 COM O MEU AMIGO, c. 1 a.
- O Enfeitado, dr. 1\$500—O Traga-Moças, opera comica, 4 a., 1\$500; Affonso III ou o valido d'El-Rei, dr. 5 a., 2\$;—Alfageme de Santarem, dr. 5 a., 1\$900;—Alvaro de Abranches, dr. 1\$500;—Sorpresa d'Evora, dr. 1\$500;—Gonzaga, dr. 3 a., 1\$;—Os Sabichões, com. dr. 3 a., 1\$500;—Ao calçar das luvas, c. 1 a., 1\$;—O afilhado de Pompignac, com. dr. 4 a., 2\$;—Um homem politico, c. 3 a., 1\$500;—O Fidalguinho, c. 3 a., 1\$500;—Abençoado Progresso, c. 1 a., 1\$;—As campanhas, c. 1 a., 1\$;—João o Britador dr. 3 a., 1\$500; As Tres Rocas de Chrystal, magica 3 a., e 17 q., 2\$;—A familia, dr. 5 a., 2\$;—Quem Desdenha... c. 1 a., 1\$;—Et caetera, Reticencia... s. c. 50); Os Filhos, dr. 5 a., 1\$500;—Os Parasitas, dr. 5 a., 1\$500; Nova Castro, tragedia, 1\$; Trinta annos ou a vida de um Jogador, dr. 3 a., e 6 q., 2\$;—A Nodosa do Sangue, dr. 3 a., 2\$;—O Sineiro de S. Paulo, dr. 4 a., e 1 prologo, 2\$; O Cigano, dr. 2\$;—A Cigana, dr. 2\$;—Um par de Galhetas, c. 1 a., 1\$;—Um Casamento do Seculo, dr. 3 a., 2\$;—O Capadocio, parodia burlesca da opera—Trovador—em 4 a., e 3 quadros, 1\$;—A Filha do Administrador, c. 3 a., 1\$500;—A Condemnada, dr. em 1 q. e 3 a., 1\$500;—Os Dois Irmãos dr. 6 a., 2\$;—O Reino das Fadas, c. phantastica, 2\$;—Arthur ou Depois de 16 annos, dr. 2 a., 1\$500;—Maria com. dr. 2 a., 1\$;—O Gaiato de Lisboa, dr. 2 a., 2\$;—De Ladrão a Barão, dr. 5 a., 2\$;—Antes Quebrar, que Torcer, dr. 3 a., 2\$;—Luiza e Marçal, dr. em 2 a., 1\$;—Os Maridos são escravos, c. 3 a., 1\$500;—O Mestre de dança, c. 1 a., 1\$;—O Livro de Orações, com. dr. 3 a., 1\$500;—A Feliz Mudança do Sexo, dr. 1 a., 1\$;—A Colerica, c. 1 a., 1\$—O Noivo do Algarve ou Astucias de dois Ladinós, c. 1 a., 1\$;—Os Vestidos Brancos, dr. 2 a., 1\$500;—Os Orphãos da Ponte de Nossa Senhora, dr. 5 a., e 8 quadros, 2\$;—Os Dois Serralheiros, dr. 5 a., 2\$;—Simão o Ladrão, drama Gaspar Hauser dr. 4 a., 1\$500;—O Cavalheiro da Casa Vermelha, dr. 5 a., 2\$;—O Casal das Giestas, dr. 5 a., 2\$;—O Jogador, s. dr. de Pedrosa, 500 O Despresa o, s. dr. 500 A Negação da familia dr. 4 a. 1\$500;
- CEZAR DE LACERDA, Cynismo, Scepticismo e creença, c. dr. 2 a., 2\$; Os homens do mar, dr. 2\$; A probidade, dr. 1\$500; Os homens que riem, c. 2\$; Homens e feras, dr. 2\$; O monarcha das Coxilhas, dr. 2\$; As mulheres de marmore dr, trad. 2\$, e outros.
- JOÃO F. DA CRUZ, Diabo, Defunto e Militar, c. 2 a., 2\$; Uma sessão de magnetismo ou a mesa que responde, c. 1 a., 1\$; Alvaro da Cunha ou o cavalleiro de Alcaerquibir dr. 2\$; O louco d'Evora ou Portugal restaurado, dr. 2\$; Um phosphoro, c. 1 a., 1\$; Um brado em prol das bisnagas, s. c., 500.
- ALMEIDA GARRETT, Fallar verdade a mentir, c. 1 a., 1\$500 Fr. Luiz de Souza, dr. 1\$500;
- OLIVEIRA VASQUES, O Gaúcho s. c., 400; O Sr. Silveira em calças pardas s. c., 400 O Tio Brandão s. c., 400; O Mestre Fagundes s. c., 400; A procura d'um pai, s. c., 400;